

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS  
CÂMPUS CORA CORALINA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA, LITERATURA E  
INTERCULTURALIDADE

NÚBIA TEODORA CUNHA MATEUS

**FORMAÇÃO X-EIRO: UMA PERSPECTIVA CONSTRUCIONAL NO PORTUGUÊS  
DO BRASIL**

GOIÁS  
2019

NÚBIA TEODORA CUNHA MATEUS

**FORMAÇÃO X-EIRO: UMA PERSPECTIVA CONSTRUCIONAL NO PORTUGUÊS  
DO BRASIL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação  
Stricto Sensu em Língua, Literatura e Interculturalidade,  
da Universidade Estadual de Goiás - Câmpus Cora  
Coralina para obtenção do título de Mestre em Estudos  
Linguísticos.

Área de concentração: Língua e Interculturalidade

Orientadora: Profa. Dra. Déborah de Barros Magalhães

GOIÁS

2019

**DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA FONTE**

Biblioteca Frei Simão Dorvi – UEG Câmpus Cora Coralina  
Bibliotecária responsável: Marília Linhares Dias – CRB 1/2971

M425f Mateus, Núbia Teodora Cunha.  
Formação x-eiro : uma perspectiva construcional no português do Brasil [manuscrito] / Núbia Teodora Cunha Mateus. – Goiás, GO, 2019.  
85f.: il.

Orientadora: Profa. Dra. Déborah de Barros Magalhães.  
Dissertação (Mestrado em Língua, Literatura e Interculturalidade) – Câmpus Cora Coralina, Universidade Estadual de Goiás, 2019.

1. Linguística funcional. 1.2. Gramática de construções. 1.4. Morfema eiro/eira. I. Título. II. Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Cora Coralina.

CDU: 81'36(817.3)

DISSERTAÇÃO DO MESTRADO EM LÍNGUA, LITERATURA E  
INTERCULTURALIDADE  
FOLHA DE APROVAÇÃO

NÚBIA TEODORA CUNHA MATEUS

FORMAÇÃO X-EIRO: UMA PERSPECTIVA CONSTRUCIONAL NO PORTUGUÊS DO  
BRASIL

Trabalho apresentado e aprovado em 30 de março de 2019 pela Banca Examinadora  
constituída pelos seguintes professores:

**BANCA EXAMINADORA**

---

ASSINATURA

1) Dra. Déborah de Barros Magalhães – UEG (Presidente)

---

ASSINATURA

2) Dra. Vânia Casseb-Galvão – UEG/UFG (Membro)

---

ASSINATURA

3) Dr. Agameton Ramsés Justino – UFR (Membro)

---

ASSINATURA

4) Dr. Eleone Ferraz de Assis – UEG (Membro Suplente - UEG)

---

ASSINATURA

5) Dr. Leosmar Aparecido da Silva UFG (Membro Suplente)

## AGRADECIMENTOS

A **Deus**, meu pai de bondade, amor e misericórdia em quem deposito toda a minha força e a quem sou eterna serva;

À Professora, orientadora e amiga **Dra. Déborah Magalhães de Barros** por acreditar em minha capacidade, pela confiança, pela parceria e por estar sempre me incentivando e enxugando as minhas lágrimas, e trazendo-me ao foco, enfim;

À Professora **Dra. Vânia Cristina Casseb-Galvão**, por fazer parte deste processo, pelo carinho e cuidado, pelas suas orientações durante as aulas e em seminário do GEF e por aceitar fazer parte da banca de qualificação e defesa da dissertação;

Ao Professor **Dr. Agameton Ramsés Justino** por aceitar fazer parte da banca de defesa da dissertação;

Aos Professores **Drs. Eleone Ferraz de Assis e Leosmar Aparecido da Silva**, por fazerem parte da banca de qualificação e por aceitarem fazer parte como suplentes na banca de defesa da dissertação; pelo apoio e incentivo aos estudos;

À **minha mãe Iracy**, pelas xícaras de cafezinho, com dose de amor, carinho e incentivo;

À **minha família**, pelo incentivo, apoio e por compreender os momentos de ausência;

À **MEMÓRIA DE MEU AMADO PAI**;

Ao meu esposo e companheiro, **Marcos Antônio**, pelo apoio incondicional; pelo cuidado e amor;

Ao amigo **Cleiton** pelos momentos de estudo, pelo companheirismo e cuidado;

Às amigas **Ana Paula, Jacqueline e Paula**, pela força e incentivo;

A toda **família Educandário Evangélico**: à direção, coordenadoras, professores, funcionários, alunos e pais por compreenderem a importância desta etapa na minha vida e por me apoiarem em todas as circunstâncias, durante este processo.

À **direção, coordenador, professores, funcionários e alunos** da Unidade Universitária “Cora Coralina” – UEG – pela amizade, incentivo e confiança;

A todo o **Grupo de Estudos Funcionalistas (UEG e UFG)**, pelas contribuições teóricas;

Aos **professores do Programa de Pós-Graduação Língua, Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual de Goiás**, pela competência e seriedade no trabalho.

“Se gramática não é apenas um conjunto de regras tediosas que servem para classificar mecanicamente palavras, locuções e orações, o que é afinal? ‘É aquilo que arranja e arquiteta a produção de sentidos. É a língua no seu funcionamento. A maior parte do que se decora nas aulas de gramática não é verdade, porque não é assim que a linguagem funciona”. (Maria Helena de Moura Neves)

“A gramática não é um conjunto de normas prontas; ela emerge via cognição, no e pelo uso da linguagem”. (Ronald W. Langacker)

MATEUS, Núbia Teodora Cunha. **FORMAÇÃO X-EIRO: UMA PERSPECTIVA CONSTRUCIONAL NO PORTUGUÊS DO BRASIL**. 2019. Dissertação (Mestrado em Língua, Literatura e Interculturalidade) – Câmpus Cora Coralina, Universidade Estadual de Goiás, Goiás, 2019.

## RESUMO

Esta pesquisa propõe descrever e analisar a funcionalidade da construção [x-eiro/a], no Português Brasileiro (PB), tendo por base teorias de língua em uso, especialmente a Gramática de Construções. Este trabalho objetiva também colaborar com os estudos descritivos do Português Brasileiro (PB), uma vez que, as abordagens apontadas nos estudos tradicionais possivelmente não fornecem, de forma satisfatória, a sistematização dessa construção, bem como a sua alta produtividade em uma rede. Ainda objetiva investigar a produtividade da construção x-eiro/-eira (base lexical + sufixo) em perspectiva construcional, apontando as suas diferentes significações a partir de estruturas instanciadas no uso linguístico, bem como a sua organização em rede. Os pressupostos teóricos que subsidiam a pesquisa são advindos da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU) e da Gramática de Construções, porque consideram que a língua se realiza no uso e que a sua organização interna é moldada pelas condições contextuais, sociais, culturais e históricas do falante, ou seja, marcada por práticas comunicativas de uma comunidade linguística. São utilizados os pressupostos teóricos Croft (2001), Furtado da Cunha, Oliveira e Martelotta (2015), Givón (2001), Goldberg (1995, 2006), Gonçalves (2016), Langacker (2013), Neves (2014), Tomasello (2008), Traugott e Trousdale (2013). A partir desses aportes teóricos, é possível postular que a estrutura da língua é forjada na experiência, tanto histórica quanto cotidiana, e que deriva também de processos cognitivos. São usados os dados do *Corpus* do Português para estudos diacrônicos e o *Corpus* da Fala Goiana para estudos de aspectos sincrônicos, estes possuem uma base de dados significativa capaz de promover análises que cumpram os objetivos desta pesquisa, colaborando para o conhecimento da gramática do PB. Os resultados iniciais apontam as diferentes acepções semânticas concernentes a esse morfema, bem como, novos empregos (morfológicos e semânticos) do morfema -eiro/-eira.

**PALAVRAS-CHAVE:** Funcionalismo; Construção; Morfema eiro/eira.



MATEUS, Núbia Teodora Cunha. **A CONSTRUCTIONAL PERSPECTIVE IN PORTUGUESE IN BRAZIL**. 2019. Dissertação (Mestrado em Língua, Literatura e Interculturalidade) – Câmpus Cora Coralina, Universidade Estadual de Goiás, Goiás, 2019.

## ABSTRACT

This research aims to describe and analyze the functionality of [x-eiro/a} construction, in Brazilian Portuguese (PB), based on theories of language in use, especially the Construction Grammar. This work aims to collaborate with the studies of Brazilian Portuguese (PB), since the approaches pointed out in the traditional studies possibly do not satisfactorily provide the systematization of this construction as well as its high productivity in a network. The theoretical presuppositions that subsidize the research come from the LFCU and the Construction Grammar because they consider that the language is realized in the use and that the internal organization of the language is shaped by the contextual, social, cultural and historical conditions of the speaker, that is, marked by communicative practices of a linguistic community. The theoretical assumptions used by Croft (2001), Furtado da Cunha, Oliveira and Martelotta (2015), Givón (2001), Goldberg (1995, 2006), Gonçalves (2016), Langacker (2013), Neves (2008), Traugott and Trousdale (2013). From these theoretical contributions, it is possible to postulate that the structure of language is forged in experience, both historical and everyday, and also derives from cognitive processes. This study aims to investigate the productivity of the X-eiro/-eira (lexical base + suffix) construction in a constructional perspective, pointing out its different meanings from instantiated structures in the linguistic use, as well as its network organization. The data of Corpus of the Brazilian Portuguese for diachronic studies and the Corpus of the Fala Goiana are used for studies of synchronic aspects, these have a significant database capable of promoting analyzes that fulfill the objectives of this research, collaborating to the knowledge of the grammar of PB. The initial results inform the different semantic meanings concerning this morpheme, as well as new jobs (morphological and semantic) of the morpheme -eiro/-eira.

**KEY-WORDS:** Functionalism; Construction; Morpheme -eiro /eira.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>CAPÍTULO 1 - ASPECTOS GERAIS SOBRE LÍNGUA, GRAMÁTICA E MUDANÇA LINGUÍSTICA .....</b>	<b>15</b>
1.1 Conceção de linguagem: língua e funcionalismo .....	15
1.2 Gramática: uma abordagem funcional.....	23
1.3 Mudança linguística .....	27
1.4 Linguística Funcional Centrada no Uso: algumas considerações .....	28
<b>CAPÍTULO 2 - A GRAMÁTICA DE CONSTRUÇÕES .....</b>	<b>33</b>
2.1 Aporte teórico: a Gramática de Construções .....	33
<b>CAPÍTULO 3 - REVISÃO DA LITERATURA: O SUFIXO <i>EIRO</i> NO PORTUGUÊS BRASILEIRO .....</b>	<b>46</b>
3.1 Perspectiva teórica no tratamento do sufixo-eiro .....	46
<b>CAPÍTULO 4 - MORFOLOGIA CONSTRUCIONAL: A CONSTRUÇÃO X-EIRO .....</b>	<b>51</b>
4.1 A morfologia construcional.....	52
4.2 X-eiro: um esquema morfológico de representação de cenas humanas básicas ....	58
4.3 A rede construcional de x-eiro.....	68
4.3.1 Categorias semânticas. ....	69
4.4 Uma proposta da rede construcional do <i>eiro</i> no PB .....	76
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>78</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>81</b>

## INTRODUÇÃO

O *eiro* constitui o sufixo, por excelência, no Português Brasileiro (PB), dada a sua alta produtividade entre distintas categorias semânticas e, também por isso, sua consequente capacidade de expansão para outras categorias. Assim, esta pesquisa pretende descrever a funcionalidade desse sufixo mostrando a sua capacidade de expansão polissêmica em uma visão construcional da língua, ou seja, dando destaque a sua forma e às diferentes funções em uma rede que se configura na língua em uso, para isso, concebe-o como uma construção representada pelo esquema x-eiro.

É notório saber que vários estudos como os de Botelho (2009); Machado (2015); Rodrigues e Alves (2015); Viaro (2007; 2011) trataram do sufixo *eiro*, entretanto, este trabalho tem como propósito ampliar as pesquisas sobre o fenômeno, uma vez que o observa a partir de pressupostos teóricos de língua em uso, o que permite com que o fenômeno seja visualizado de maneira mais ampla e complexa. Logo, esta pesquisa se justificou pela originalidade do tratamento dado ao fenômeno, oportunizando uma descrição mais ampliada a partir da Gramática de Construções (GC). Essa visão gramatical é pertinente porque permite com que o fenômeno linguístico possa ser analisado a partir de diferentes relações tanto na forma quanto no significado.

A construção x-eiro é produtiva entre diferentes categorias semânticas e categorias linguísticas. Trabalhou-se com hipótese de que a alta produtividade decorre do fato de que a construção representa uma cena da experiência humana básica, para qual cooperam diversos sentidos e traços semânticos vinculados ao valor agentivo/humano. Cada um dos valores assume traços significativos diversos, constituindo de fato, uma rede com diversos significados para uma mesma forma.

Esta pesquisa buscou suporte teórico na Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU) e na Gramática de Construções. Teorias que têm como premissa básica a análise da língua a partir do contexto linguístico e da situação extralinguística. Assim, compreende-se que a língua se realiza no uso e que a sua organização interna - a gramática - é moldada pelas condições contextuais, sociais, culturais e históricas do falante, ou seja, marcada por práticas comunicativas de uma comunidade linguística. Nessa perspectiva, fica clara a proposta de que o estudo do discurso e da gramática aconteça simultaneamente, a fim de que se compreenda a organização e funcionalidade da língua.

Este estudo tem como base teórica autores relevantes do Funcionalismo e da Gramática de Construções: Bybee (2010, 2015), Croft (2001), Furtado da Cunha, Oliveira e Martelotta (2015), Givón (2001), Goldberg (2006), Langacker (2013), Neves (2016), Traugott e Trousdale (2013) entre outros. Já quanto aos estudos morfológicos serão discutidos a partir das reflexões de Gonçalves (2011, 2016), Rodrigues e Alves (2015).

Esta pesquisa se justifica também pelo fato de que a categoria base assumida pelo *-eiro* é a atividade com o traço de agentividade, então, assume-se aqui que essa seria a sua forma fonte, a prototípica. Entretanto, há ainda de se considerar dentro dos domínios semânticos fundamentais: espaço, tempo, pessoa, qualidade, quantidade. Além disso, ao considerar o eiro intensificador, em sua composicionalidade, pode também exercer a função de grande massa ou mesmo acúmulo intenso; pode indicar pessoa; objeto; planta; lugar; entre outros. Ao que se refere a lugar, tem-se categoria locativo, ou mesmo, lugar, enquanto recipiente.

Linguisticamente a construção *x-eiro* pode designar nomes, adjetivos e se prestar a valores aspectuais com traços pejorativos e não pejorativos, estando atrelados a um determinado juízo de valor, exercendo assim uma multifuncionalidade no uso. Logo, o *eiro* é um esquema cognitivo que está associado diretamente com uma estrutura semântica, ou melhor, a uma construção a qual reflete a cena básica da experiência humana que vai e está além da forma. Como se observa em (01), (02), (03) e (04) a seguir:

(01) e você já teve outros trabalhos... cê já teve outras profissões a não ser a de **costureira**? (*Corpus Fala Goiana*).

(02) Olha pa ti falá a verdade hoje quandu... agente fica sabendo nuticia dela porque ela tá no mundo ninguém qué porque ela é terrível... nossa ela é **fofoqueira** ela arruma um rolo danado... então melhó do jeito que ela tá hoje agente não tem relação mais... não tem contato muito difícil. (*Corpus Fala Goiana*).

(03) e você já chegou a ter algum relacionamento com algum primo ou com algum amigo dele... já que você estava **solteira**? (*Corpus Fala Goiana*).

(04) não queria sabe di fazê as coisas mais... queria só bebê só bebê... aí foi ino ninguém guenta né... quem agüenta um homi **cachaceiro** dentro de casa... aí eu pidi pra gente si separa e ele não quis.. (*Corpus Fala Goiana*).

Em (01), a construção *x-eira* é exemplo mais prototípico do valor agentivo, com um traço humano, indicando atividade de pouco prestígio social. Mesmo que diversos estudos já tenham atestado a alta produtividade do sufixo *eiro* para formação de palavras no indicativo de profissões, o diferencial desta consiste em mostrar o funcionamento da construção em rede e como todos os sentidos da construção se mantêm vinculados por elos interligados.

Em (02), (03) e (04) tem-se em comum a construção *x-eiro* como exemplos de agentividade, também com traço humano. Essas ocorrências são exemplos de um mesmo domínio semântico, o de qualificador; entretanto, diferem-se nos contextos de uso sendo que em (02) e (04) acumulam funções de intensificador, assumindo valor pejorativo. Ainda em (03) e (04), há valor de estado/condição.

Além disso, esta pesquisa é importante para os estudos descritivos do Português Brasileiro (PB), uma vez que se destina a descrever e analisar a funcionalidade da construção *x-eiro*, tendo como norte a língua em uso, em especial a Gramática de Construções.

A pesquisa trabalha também com a hipótese de que o valor de agentividade com desprestígio social teria feito com que se especializasse o valor pejorativo. Ancorada nisso, a pesquisa pretende mostrar que os diferentes valores e usos da construção são possíveis e podem ser descritos em uma rede de significados dos mais gerais – como o valor agentivo – aos mais específicos, porém todos os valores são ligados por elos construcionais. Por isso, a teoria da GC é produtiva para a proposta que se apresenta.

A GC defende que os diversos usos linguísticos resultam de modelos convencionalizados a partir da reunião de elementos linguísticos, cognitivos e sócio-históricos (ou seja, ambientais). Esses modelos implicam a fixação de padrões gramaticais por meio da rotinização. Quanto mais rotinizados mais fortes para se expandirem para novos usos. Isso sugere que a produtividade da construção *x-eiro* deve-se ao fato de que ela é um modelo muito forte, frequente e pertencente a uma categoria humana básica. Entende-se por GC como unidades básicas da língua, estruturadas em uma rede construcional, inter-relacionadas e fortemente entrelaçadas cuja correlação se faz a partir do pareamento forma (expressão) e sentido (função) em que se constituem no contexto de uso.

Dessa maneira, alguns questionamentos de pesquisa orientam este trabalho: i) Como *x-eiro* tem se instanciado nos diferentes contextos de uso no PB?; ii) Em que medida a construção *x-eiro* colabora para a funcionalidade do sistema linguístico?; iii) Como o nível pragmático-discursivo pode estar correlacionado com esses usos? iv) Considerando-se os fatores hierárquicos de mudança de Traugott e Trousdale (2013), pode-se afirmar que o *x-eiro* configura algum tipo de mudança e qual é a produtividade desta mudança?

Os objetivos, desta pesquisa, estabelecem-se em: analisar e descrever a produtividade e a funcionalidade da construção x-eiro – base lexical + sufixo –, em perspectiva construcional. Ainda, investigar como esta construção tem se realizado no PB apontando as suas diferentes significações a partir de estruturas instanciadas no uso linguístico, e conseqüentemente, faz-se necessário apontar os possíveis novos empregos (morfológicos e semânticos). A partir disso, demonstrar a rede construcional do esquema x-eiro.

Os *corpora* deste estudo são formados pelo *Corpus* Fala Goiana (FG) para estudos de aspectos sincrônicos, uma vez que possuem uma base de dados significativa capaz de promover análises que cumpram os objetivos desta pesquisa colaborando para o conhecimento da gramática do PB.

Nosso interesse em estudar a construção “x-eiro/a” surgiu com a percepção de seu caráter polissêmico, pois consideramos que, na linguagem cotidiana, esse esquema apresenta diferentes funções e sentidos em diferentes contextos de uso.

Logo, admite-se a hipótese de que a alta funcionalidade dessa construção tem direta relação com a essência de descrever uma relação humana básica. Nesse sentido, por considerarmos que esse fenômeno é favorecido pelas circunstâncias interativas, e que assim, revela motivações pragmático-discursivas mobilizadas no uso, a LFCU oferece os pressupostos teóricos necessários para o entendimento, descrição e análise, visto que esse modelo teórico permite a compreensão de como a língua se organiza.

De forma geral, esta pesquisa pretende mostrar a funcionalidade e a alta produtividade da construção “x-eiro/eira”, na língua e nesse sentido a Gramática de Construção é o aparato mais adequado.

Além disso, tem-se como interesse: I. colaborar com os estudos descritivos do PB, analisando a funcionalidade discursiva do -eiro, apontando as suas diferentes significações a partir de estruturas instanciadas no uso linguístico. II. investigar a produtividade da construção “x-eiro/a” em uma perspectiva construcional.

Para alcançar os objetivos, são relevantes para análise as considerações de autores da Linguística Funcional, da Gramática de Construções e da Morfologia: Croft (2001), Furtado da Cunha, Oliveira e Martelotta (2015), Givón (2001), Goldberg (1995, 2006), Gonçalves (2016), Langacker (2013), Neves (2014), Tomasello (2008), Traugott e Trousdale (2013), entre outros.

Quanto à metodologia, a análise integra fatores prioritariamente qualitativos sobre os quantitativos, pois estes apresentam-se apenas com o propósito de conferir maior segurança à análise qualitativa. Os dados foram coletados no *Corpus* Fala Goiana - dados constituídos por amostras de fala de comunidades goianas representativas das variantes do português em Goiás.

O Corpus do Fala Goiana oferece dados para um conjunto articulado de projeto de pesquisa vinculado ao Grupo de Estudos Funcionalistas (GEF), sediado na Faculdade de Letras da UFG, projeto: **O português contemporâneo falado em Goiás**, que objetiva analisar e descrever aspectos da formação da gramática da língua falada em Goiás. O projeto *Fala Goiana* objetiva também constituir um banco de dados da variedade goiana, composto por amostras de fala de comunidades representativas da formação sociocultural goiana (Barros, 2011).

O *corpus* é composto por dados do português falado em Goiás, sendo composto por duas comunidades de fala: Goiânia e Goiás (cidade). Inicialmente, no material analisado, foram coletados dados de 12 (doze) inquéritos, no total de 21 informantes, sendo 9 (nove) homens e 12 (mulheres) em uma maioria, os informantes têm até nove anos de escolaridade e os dados foram coletados em situações interativas de discurso informal, a partir de entrevistas semimonitoradas.

Optamos pela seleção de informantes não-escolarizados ou que tenham apenas o ensino básico – fundamental. Para a coleta e seleção de dados fizemos uma busca inicial pela construção “x-eiro”. Realizamos a busca do sufixo “-eiro”, tanto na forma do “x-eiro”, “x-eira”, quanto “x-ero”, “x-era”, a fim de selecionarmos todas as possibilidades de ocorrência de suas partes componentes.

Assim, é importante considerarmos que a análise dos dados linguísticos deve levar em conta o uso da língua em situação concreta de intercomunicação.

Com o objetivo de responder aos questionamentos, bem como atender aos objetivos propostos desta dissertação, este trabalho assim está organizado em quatro capítulos.

O primeiro capítulo tem como interesse discutir a concepção de língua e gramática a partir de princípios teóricos funcionalistas. Ainda, serão discutidas teorias sobre mudança linguística e sobre a Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU).

O segundo capítulo apresenta os fundamentos teóricos da Gramática de Construções, os quais permitirão a análise e descrição dos dados. Essa vertente teórica parte do princípio de que a língua se organiza no pareamento entre forma e significado; que a

gramática é baseada nas experiências e vivências dos usuários da língua; ainda, a gramática é concebida de forma holística, ou seja, considera-se o todo. Este princípio teórico considera que a língua se organiza em construções, desde as monomorfêmicas até os padrões mais complexos.

O terceiro capítulo faz uma sumária revisão literária a fim de se reconhecer melhor algumas das pesquisas sobre o fenômeno, bem como, mostrar a abordagem dada por elas. Nesse sentido, reitera-se a relevância dos estudos construcionais para uma melhor descrição do fenômeno descrito.

No quarto capítulo, realiza-se uma descrição da morfologia construcional, expõe-se os procedimentos metodológicos e, em seguida, consta a análise a partir da construção [x-eiro/a]. Destina-se, neste capítulo, à descrição e à análise da rede construcional [x-eiro/a], tendo em vista os diferentes valores semânticos e categorias linguísticas, a saber, que para esta análise, em uma visão construcional da língua, uma categoria não pode ser realizada distante da outra e tão pouco do próprio contexto de uso.

Por fim, as considerações finais têm como finalidade apresentar resumidamente as respostas às perguntas de pesquisa, recuperar as hipóteses e os objetivos deste trabalho, tendo em vista os resultados da análise. Os pressupostos teóricos da GC verticalizados para os estudos morfológicos possibilitou a conclusão de que léxico e sintaxe funcionam em um contínuo harmônico na língua e que os sentidos são todos interligados dispostos em uma rede hierarquicamente organizada.



## CAPÍTULO 1

### ASPECTOS GERAIS SOBRE LÍNGUA, GRAMÁTICA E MUDANÇA LINGUÍSTICA

Este capítulo tem o objetivo de descrever os princípios teóricos funcionalistas que sustentam esta pesquisa. Inicialmente, daremos atenção especial à concepção de língua e gramática, a qual sustenta esta análise, bem como, algumas postulações que possam auxiliar na compreensão do fenômeno em estudo.

#### 1.1 Concepção de linguagem: língua e funcionalismo

Na medida em que a sociedade se transforma, as línguas também se modificam, com isso, adquirem “novos” valores linguísticos ligados às novas perspectivas da sociedade. Assim também, o homem utiliza a linguagem como forma de representação de suas experiências vividas no mundo, havendo a necessidade de compartilhá-las com outros usuários da língua. Rousseau (1978, p.198) considera que “as línguas se formam naturalmente baseadas nas necessidades dos homens, mudam e se alteram de acordo com as mudanças dessas mesmas necessidades”. Logo, a principal função de uma língua se estabelece na interação entre os usuários. Entende-se, aqui neste trabalho, que o processo interativo é dinâmico entre os usuários constituindo assim, um dos processos fundamentais da experiência humana.

Apesar disso tudo, não se pode negar que há diferentes maneiras de se analisar a língua a partir de diferentes modelos teóricos, dentre eles as análises formalistas, e em contraposição a estas, estão às funcionalistas. As primeiras dão ênfase às análises das formas linguísticas, ou seja, entendem a língua como um sistema de signos, como um objeto autônomo, independente das intenções de uso, já que é dissociada do ato comunicativo. Dentro deste modelo teórico de análise da língua, temos os gerativistas (representados por Noam Chomsky) e os estruturalistas (representados por Ferdinand Saussure). Os gerativistas consideram as línguas como uma faculdade mental natural, ou seja, acreditam na existência de princípios abstratos que governam a estrutura e uso da linguagem, tais princípios são

considerados universais por necessidade biológica, decorrentes de características mentais da espécie humana.

Já a abordagem estruturalista compreende que a língua é um sistema, ou seja, um conjunto de unidades que obedecem a certos princípios de funcionamento, constituindo um todo coerente e coeso. Não faz parte do interesse dos estruturalistas o estudo da evolução das línguas: a forma como chegaram, ou mesmo, aonde chegaram. A preocupação maior é apenas com estudos sincrônicos e não diacrônicos; é analisar a língua em um determinado momento. Em síntese, “o estruturalismo compreende que a língua, uma vez formada por elementos coesos, inter-relacionados, que funcionam a partir de um conjunto de regras, constitui uma organização, um sistema, uma estrutura.” (MARTELOTTA, 2016, p. 114), compreendendo que essa organização dos elementos se estrutura seguindo leis internas, dentro do próprio sistema.

Em contraposição, a análise da língua no modelo teórico dos funcionalistas considera a função que a forma linguística desempenha no processo de interação como papel predominante. O que esse modelo busca para análise é observar as condições de uso, em situações reais de comunicação, ou seja, o que está em evidência é a competência comunicativa, considerando as relações entre forma e função, entre os fatores sociais e gramaticais. Neves (2004) apresenta os dois modelos teóricos funcionalismo e o formalismo como

dois pólos de atenção opostos no pensamento linguístico, o *funcionalismo*, no qual a função das formas linguísticas parece desempenhar um papel predominante, e o *formalismo*, no qual a análise da forma linguística parece ser primária, enquanto os interesses funcionais são apenas secundários. (NEVES, 2004, p. 39, grifos da autora).

Compreende-se que os formalistas têm em vista as características internas da língua como foco de análise, bem como, as suas relações entre os constituintes que a compõem. Os formalistas concebem a língua como um conjunto de sistemas de frases, sons e signos – assemelham a língua à sua gramática. Ao contrário do exposto, estão os funcionalistas que analisam a língua como mecanismo de comunicação, sendo ela maleável, sujeita a pressões procedentes de diferentes situações comunicativas.

Desse modo, entende-se que a língua se estabelece nas relações humanas em situações históricas, sociais e culturais. Ela se constrói na interação e ação social dotada de uma organização interna que serve às necessidades dos falantes. Neves (2004, p. 43) afirma

que é no uso que a língua se realiza de forma plena, mas é também no uso que o sentido e o sistema linguístico são construídos. Ela não existe por si mesma, mas sim, em virtude de seu uso com propósito de interação entre os seres humanos.

Assim, apresentar uma investigação da língua em uso é possibilitar uma visão funcional diante do funcionamento da própria linguagem; é buscar nos contextos discursivos a motivação para os fatos da língua; é ainda, a possibilidade de não homogeneizar os itens linguísticos, conforme a orientação normativo-prescritiva a qual intensifica a distância entre a língua escrita formal e a língua oral e escrita utilizada em comunicações diárias. Assim, a língua deve ser explicada a partir de expressões linguísticas, as quais são compreendidas no funcionamento de seus contextos de uso, determinadas pela informação contextual e situacional. Para tanto, faz-se necessário compreender que a língua está vinculada às atividades interacionais em que as pessoas estão envolvidas; que a língua é indissociável do discurso, posta em uso. Por isso, é funcional!

A abordagem funcionalista norte-americana inspirada em Talmy Givón, Paul Hopper, Sandra Thompson entre outros defende uma linguística baseada no uso tendo como princípio a língua vista a partir do contexto linguístico e extralinguístico. De acordo com essa concepção, a gramática está em constante mutação em consequência das eventualidades do discurso ao qual é moldado. Assim, são os falantes, no momento de interação discursiva, que dão forma à sintaxe. A gramática é constituída a partir dos contextos discursivos específicos – é a língua em uso, funcionando. Por conseguinte, o funcionalismo “procura explicar regularidades observadas no uso interativo da língua, analisando as condições discursivas em que se verifica esse uso” (FURTADO DA CUNHA, 2016, p. 157).

O funcionalismo, em oposição ao gerativismo e ao estruturalismo, é uma corrente linguística, conforme Furtado da Cunha (2016), que se preocupa em estudar a relação entre a estrutura gramatical das línguas e os diferentes contextos comunicativos em que elas são usadas. Para tanto, compreende-se a língua como uma atividade social enraizada no uso comunicativo em que falantes reais se interagem. O interesse de investigação linguística dos funcionalistas são os propósitos, o contexto discursivo que envolve os interlocutores em uma situação comunicativa – a motivação para os fatos da língua.

Funcionalistas e gerativistas divergem ainda com relação ao processo de aquisição da linguagem. Enquanto os primeiros, explicam-na a partir das habilidades e necessidades comunicativas da criança, ou seja, é por meio de dados linguísticos a que ela é exposta em situação de interação com usuários da língua de sua comunidade que a gramática de sua

língua se constrói; os segundos, explicam que a aquisição da linguagem é uma capacidade inata para a aprendizagem da língua.

Na análise de cunho funcionalista, os enunciados e os textos estão relacionados às funções que desempenham na comunicação interpessoal. Nesse sentido, é a partir de dados reais de fala ou de escrita, retirados de contextos efetivos de comunicação, que se pauta a abordagem funcionalista.

Entretanto, não devemos nos limitar a pensar que a comunicação se restringe a transmissão e recepção de informação. Martinet (1994) diz que toda “língua se impõe (...), tanto em seu funcionamento como em sua evolução, como um instrumento em sua evolução, como um instrumento de comunicação da experiência”, entendendo como experiência “tudo o que [o homem] sente, o que ele percebe, o que ele compreende em todos os momentos de sua vida” (MARTINET, 1994 apud NEVES, 2004, p. 2). Ainda nessa mesma perspectiva, usamos a linguagem para dar sentido à nossa experiência e para realizar nossas interações com outras pessoas. Isso significa que a gramática tem que interagir com os acontecimentos e condições do mundo e com os processos sociais, os quais estão envolvidos os usuários da língua.

Assim o estudo da língua, na perspectiva funcional, fundamenta-se em processos cognitivos, sociais, culturais e interacionais – sendo necessário compreendê-la no uso. Compreende-se por usos linguísticos, o momento efetivo da atualização linguística seja na modalidade falada ou na escrita. Esse momento é o resultado da experiência humana, no qual fatores como a rotinização e a perspectivização, além de outras possíveis motivações existentes, atuam como motivadores. Tudo isso aponta para uma abordagem que procura compreender os fenômenos por completo, isto é, além do que se observa de imediato na estrutura da língua e muito para além de uma junção das partes constitutivas, tendo em vista que os itens/palavras/expressões não ocorrem ou não produzem sentido isoladamente. O sentido é produzido no conjunto e a partir da consideração das relações contextuais de uso linguístico. Isso acontece, pois um dos pressupostos básicos da linguística funcional é a ideia de que a estrutura linguística está intimamente relacionada às funções a que ela se presta na interação discursiva, além de ser sensível às necessidades cognitivas. Nesse sentido, Bybee (2010) considera estrutura linguística como derivada de processos cognitivos de domínio geral. A língua é o que é em decorrência do que é feito dela nos processos interativos. Ela deve ser entendida como um sistema funcional, no sentido de ser usada para um determinado fim.

A esse respeito, Bispo e Silva (2017) afirmam que uma pesquisa linguística com perspectiva funcional busca

identificar motivações de natureza interacional, semântica e cognitiva para os fatos da língua.[...] Em outros termos, objetiva explicitar a relação motivada entre forma e função, de modo a explicar em que medida aquela é moldada em termos desta. Para tanto, considera dados de fala e/ou de escrita provenientes de situações comunicativas reais, levando em conta, entre outros aspectos, o contexto de produção linguística (o momento e o lugar de interação verbal, os parceiros de comunicação, seus propósitos comunicativos etc.), especificidades do gênero textual, efeitos de sentido pretendidos, questões relativas à expressividade e/ou à economia, a extensões metafóricas e/ou metonímicas, à distribuição da informação na oração e no texto (BISPO; SILVA, 2017, p.92).

Em consonância com o que foi exposto, Dik (1978; 1990; 1989a; 1997 apud Neves 2004, p.25) propõe uma teoria funcional desenvolvida dentro de uma teoria pragmática. O autor ressalta que as expressões linguísticas não são pensadas como objetos isolados, mas são instrumentos usados pelo falante para evocar no ouvinte a interpretação desejada.

Furtado da Cunha (2016) afirma que o modelo funcionalista caracteriza-se por duas propostas: “a) a língua desempenha funções que são externas ao sistema linguístico em si; b) as funções externas influenciam a organização interna do sistema linguístico” (FURTADO DA CUNHA, 2016, p. 158). Desse modo, a autora explica que a língua na perspectiva funcionalista não é analisada de forma autônoma, independente, indissociável do comportamento social; ao contrário, a língua é maleável, adaptável às diferentes situações/eventos interativos na comunicação humana; mas também, sujeita a pressões oriundas das diferentes situações comunicativas.

O termo função, na linguística, refere-se à(s) relação(ões) entendida(as) como a união do estrutural (sistêmico) com o funcional (sistêmico-funcional), mas não apenas como entidade sintática. Neves (2016) afirma que tal reflexão está direcionada para as estruturas linguísticas exatamente pelo que elas representam de organização dos meios linguísticos de expressão das funções a que serve a linguagem. Ainda para a mesma autora, estruturas linguísticas são configurações de funções, sendo que as diferentes funções são os diferentes modos de significação no enunciado que conduzem à eficiência da comunicação entre os usuários de uma língua.

A visão funcionalista hallidayna apresenta função como o papel que a linguagem desempenha na vida dos indivíduos, servindo às muitas e variadas demandas. “Funcional é a comunicação, e funcional é a própria organização interna da linguagem” (NEVES, 2016, p. 18). Logo, compreende-se por enunciado, na perspectiva hallidayna, escolhas que o falante faz quando o compõem para um fim específico, produzindo significado.

A respeito das funções da linguagem, aponta Halliday (2004) para uma teoria em que a multiplicidade funcional reflete na organização interna da língua, ou seja, de algum modo, investigar a estrutura linguística mostra as inúmeras necessidades a que a língua se presta. Assim, a sua multifuncionalidade se constrói claramente na estrutura linguística e forma a base de sua organização semântica e sintática. É no uso da língua que um mesmo item ou sentença, em situações comunicativas específicas, assume funções diferentes. Nessa perspectiva, este mesmo autor utiliza a abordagem funcional, tendo em vista que o sentido não está fora da língua e, portanto, não se pode analisar a linguagem dissociada do sistema e do uso que se faz dela. Assim, ele considera a multifuncionalidade sendo a base para uma interpretação funcional da linguagem.

Para Halliday e Matthiessen (2004, p.30), a linguagem realiza três metafunções (manifestações no sistema linguístico) e estas acontecem simultaneamente, ou seja, toda mensagem é sobre algo e se dirige a alguém e conseqüentemente organizada com alguma finalidade: ideacional, interpessoal e textual. A primeira refere-se à expressão do conteúdo; é por meio dessa função que o falante e o ouvinte organizam e incorporam sua experiência do mundo, inclui aí sua experiência dos fenômenos do mundo interno da própria consciência, assim também, do mundo externo. Assim, “a linguagem constrói uma teoria da experiência humana, e alguns dos recursos da gramática de cada língua são dedicados a essa função” (HALLIDAY, 2004, p. 29, tradução nossa)<sup>1</sup>.

A segunda metafunção é a interpessoal. Ela é também considerada interacional e pessoal constituindo um componente da linguagem que serve para organizar e expressar tanto o mundo interno quanto externo do indivíduo; o falante usa a linguagem como um meio de participar do evento de fala. Ela possibilita que a linguagem estabeleça relações entre os participantes da interação.

Por fim, temos a metafunção textual, que se relaciona com a construção do texto; por meio dela, a linguagem contextualiza as unidades linguísticas. É o texto o lugar onde o discurso se organiza e se manifesta realizado na/pela linguagem construindo um todo significativo; um texto se faz como uma teia que se organiza a partir das relações, sequenciações, repetições e referenciações; logo, é fato, que a responsável pela materialidade linguística é a metafunção textual. Assim, Neves (2004, p.14) considera que “a função textual não se limita unicamente às relações entre as frases, mas sim, à organização interna da frase,

---

<sup>1</sup> In other words, language provides a theory of human experience, and certain of the resources of the lexicogrammar of every language are dedicated to that function

ao seu significado como mensagem, tanto em si mesma, como na sua relação com o contexto”.

Logo, em uma análise linguística, devem-se observar as funções em diferentes situações de uso linguístico, em contextos discursivos específicos, visto que estas refletem a organização interna de uma língua, - é neste espaço que a gramática é constituída. Assim, é possível admitir uma interação entre forma e função, visto que as funções externas atuam simultaneamente na organização formal do sistema linguístico.

Silva (2005) afirma que a descrição de uma língua não se pauta em apenas demonstrar os fenômenos linguísticos, ou simplesmente, classificar elementos constituidores do sistema, mas sim, em se considerar a função dos elementos linguísticos e extralinguísticos; revelar os valores desses elementos; e explicitar os sistemas de conhecimentos e padrões culturais que estão na base da organização do sistema conceptual dos usuários dessa língua.

O que importa, para os funcionalistas, é o uso das expressões linguísticas na interação verbal, pois é por meio dela que se conhece a interação social entre os indivíduos, estabelecendo-se assim, relações comunicativas entre os usuários. É ainda, analisar como os usuários de uma língua se comunicam eficientemente. Resumidamente, a partir da perspectiva de Dik (1997), na obra *The Theory of Functional Grammar*, ficam evidentes algumas características que competem à perspectiva funcionalista:

- I. A língua é um instrumento de interação social entre os seres humanos;
- II. A principal função da língua é mediar a comunicação entre os usuários;
- III. A competência comunicativa revela a capacidade dos usuários de uma língua de interagirem-se socialmente por meio da linguagem;
- IV. A capacidade linguística do falante compreende não só a habilidade de construir e interpretar expressões linguísticas, mas também usar tais expressões de maneira apropriada e efetiva, seguindo os modelos da interação verbal que prevalecem na comunidade linguística;
- IV. O sistema de expressões linguísticas é um sistema funcional. Deve, pois ser estudado no quadro das regras, princípios e estratégias que governam seu uso comunicativo. As expressões linguísticas são compreendidas quando consideradas dentro do contexto, sendo as propriedades do contexto, determinadas pela informação contextual e situacional;
- V. A aquisição da linguagem é determinado por um *input* altamente estruturado de dados linguísticos em contextos naturais;

VI. Os universais linguísticos são explicados através dos fins de comunicação, dos contextos em que a língua é usada e das propriedades biológicas, psicológicas e cognitivas dos usuários. Uma visão funcional da língua não impede a existência de fatores genéticos, já que se trata de um fenômeno específico da espécie humana.

VII. Os diferentes componentes da organização linguística devem ser vistos a partir da pragmática, onde a semântica e a sintaxe devem ser estudadas. As prioridades vão da pragmática à sintaxe, via semântica. Não há espaço para uma sintaxe "autônoma", visto que a sintaxe existe para que as pessoas sejam capazes de formar expressões para transmitir significados complexos, e tais significados estão aí para que as pessoas possam se comunicar de maneiras sutis e diferenciadas.

Diante disso, Dik (1997, p.1-2) considera que ao adotar-se uma abordagem funcional ao estudo das línguas naturais, é comum surgirem alguns questionamentos sobre os usuários da língua natural (ULN). Alguns desses questionamentos seriam: “Como os falantes e ouvintes conseguem se comunicar, uns com os outros, através do uso de expressões linguísticas? Como é possível que eles se entendam, que influenciem uns aos outros, por meio de um estoque de informações?” Em resposta a isso, afirma Dik (1997) que o usuário da língua natural (ULN) é muito mais que um sistema linguístico; afirma ainda, a existência de funções humanas superiores envolvidas no uso comunicativo da linguagem do que apenas a função linguística.

Dik (1997) esclarece que o usuário da língua natural (ULN) possui algumas capacidades essenciais na comunicação verbal, tais como: a própria linguística (capacidade de produzir e interpretar expressões de grande complexidade estrutural); a epistêmica (capacidade de construir, manter, derivar, arquivar, recuperar e utilizar conhecimentos); a lógica (capaz de obter mais conhecimentos, por meio de regras de raciocínio); a perceptual (capaz de perceber o ambiente, e em seguida, derivar conhecimento de suas percepções, tanto na produção como na interpretação de expressões linguísticas) e a social (capacidade de o usuário não só saber dizer algo, mas sim, como dizê-lo ao interlocutor, a fim de alcançar objetivos comunicativos). Tais capacidades, segundo Dik (1997), estão interagidas umas com as outras, sendo que cada uma produz um *output*, essencial para o funcionamento de outras.

Dessa forma, entende-se que o funcionalismo contextualiza a língua na situação social em que se dá a interação verbal. Castilho (2012, p. 21) explica que “a pesquisa funcionalista dedica-se ao esclarecimento das relações entre forma e função, cujas funções parecem exercer influência na estrutura gramatical”. Assim, compreendemos também que a



língua tem funções cognitivas e sociais que podem determinar as estruturas e os sistemas que organizam a gramática de uma língua.

## **1.2 Gramática: uma abordagem funcional**

Os pressupostos que orientam as teorias linguísticas baseadas no uso preveem a relevância do contexto – das situações extralinguísticas – para a organização da língua, e, é nesse sentido que defendem que a gramática emerge no uso que é feito da língua em situações reais. Nessa perspectiva, o sistema linguístico se constitui no uso das expressões linguísticas. Compreende-se que o uso pode ser obtido por meio de “o registro da modalidade falada, como tradicionalmente se preferiu nas primeiras pesquisas de base funcionalista, mas também, as fontes escritas, tanto em variedades padrão como não padrão” (ROSÁRIO, 2015, 37). Logo, o uso refere-se a todas as modalidades da língua – fala e escrita – em diferentes situações.

A gramática é concebida, para esse autor, como um conjunto de regularidades linguísticas, como modo ritualizado ou comunitário do uso; como noções de sistematização e regularização; como um sistema de regularidades decorrentes das pressões de uso, que estão ligadas a diversos interesses e necessidades comunicativas e pragmáticas.

Rosário (2015) afirma ainda, que as inovações linguísticas existem com propósito para um determinado fim, por meio de um discurso individual e que elas podem passar a ser usadas por outros usuários da língua constituindo um processo de regularização e expansão. Logo, entende-se a gramática sendo “um conjunto de esquemas/processos simbólicos utilizados na produção e organização de um discurso coerente. Gramática e discurso estão intrinsecamente entrelaçados e coatuam em mútua dependência, sendo um (re) modelado pelo outro” (FURTADO DA CUNHA; BISPO; SILVA, 2013, p. 20).

Além disso, entende-se que a linguagem é social, porque emerge da interação, da pragmática para a semântica via sintaxe. Sendo assim, a gramática funcional tem sempre em consideração que não há estruturas linguísticas que operam independentes do significado, uma vez que fatores linguísticos colaboram para a codificação sintática, logo, a pragmática e a semântica devem fazer parte da gramática.

Por conseguinte, o sistema linguístico se constitui no uso das expressões linguísticas. Portanto, a gramática tem origem no discurso, ou seja, parte do princípio sobre os modos individuais com que cada usuário elabora e organiza suas formas de expressão. Assim, “ganha relevo a vinculação entre discurso e gramática na defesa de que fatores de natureza

pragmático-comunicativa são responsáveis pela regularização gramatical, como também, na seleção e na organização daquilo que a própria gramática atualiza” (OLIVEIRA; VOTRE, 2012 p. 165). Por isso, a gramática, na perspectiva funcional, não deve ser vista e/ou analisada fora do uso concreto da língua, ou seja, fora do discurso.

Diante disso, Tomasello (2003,2017) afirma existir uma relação estreita entre a estrutura das línguas e o uso que é feito pelos falantes em contextos reais de comunicação. O autor compreende a estrutura das línguas como a capacidade dos indivíduos não somente de codificar ou decodificar expressões, mas apropriar-se dela se maneira satisfatória. Ele, tendo em vista o uso de formas linguísticas, aponta a necessidade de conceber e reconhecer a linguagem em termos funcionais e cognitivos, incluindo-se aí, construções gramaticais, como meio de veicular funções comunicativas pretendidas. Croft (2000) apontado por Tomasello (2003) afirma que os itens e as construções específicas de uma dada língua não são inventados, mas emergem, evoluem e acumulam modificações ao longo do tempo histórico, à medida que os seres humanos passam a usá-los uns com os outros e adaptá-los às mudanças, conforme as circunstâncias comunicativas.

Da mesma forma, Barros (2016) aponta que a gramática deve ser compreendida a partir da perspectiva pela qual a língua se organiza e no uso que é feito dela em situações de interação, compreendendo por interação verbal como sendo uma forma também de organizar a gramática, uma vez que esta se faz presente no momento daquela, ou vice-versa. A pesquisadora afirma, ainda, ser na interação social que as escolhas lexicais e as estruturas sintáticas mais produtivas são determinadas.

A gramática de uma língua existe, na perspectiva funcional, não porque tem uma estrutura, mas sim, porque ela serve para executar uma determinada função que a faz ser um sistema adaptativo complexo e emergente (a regra surge na organização) - isso explica a heterogeneidade de uma língua. Compreende-se também, como mostra Silva (2005), que a gramática das línguas se constrói em um contínuo, podendo gerar uma possível instabilidade nas funções linguísticas relacionadas à sua forma.

Mackenzie (1992), conforme citado por Neves (2004, p. 22), defende que a gramática funcional tem uma relação não arbitrária entre a instrumentalidade do uso da língua (o funcional) e a sistematicidade da estrutura da língua (a gramática). Isso quer dizer que a gramática, nessa perspectiva, é sempre emergente, pois é vista como um sistema aberto sujeito a mudanças intensamente afetadas pelo uso do dia a dia dos usuários.

Conforme o contexto de uso é possível modificar a maneira de interagir com o outro, já que em eventos da linguagem ocorre a atualização discursiva. Assim, a gramática funcional

é entendida como “o agregado maleável e internalizado das formações vindas da língua em uso, do discurso, das experiências com a interação linguística que os seres humanos acumulam durante a vida” (FURTADO DA CUNHA; TAVARES, 2007, p.18). Dessa forma, a autora deixa claro que a ideia de liberdade e autonomia está para o discurso, enquanto, a ideia de regularização e sistematização está ligada à gramática.

Uma gramática funcional, conforme aponta Neves (1997), é necessariamente uma gramática do uso linguístico, no sentido de que ela não assume como tarefa descrever a língua enquanto sistema autônomo, não desvinculando, portanto, as peças do sistema das funções que são preenchidas. A autora considera, pois, a relação entre estrutura e função como algo instável, que reflete o caráter dinâmico da linguagem. Assim, a relação entre discurso e gramática é evidenciada a partir do princípio de que a gramática é moldada pelo discurso, assim como, o discurso é moldado pela gramática. A gramática é a “**ancoragem**” do discurso, embora, o discurso não esteja desprovido da gramática; ela é onde o discurso se evidencia para estabelecer a competência comunicativa em uma dada situação de uso. (Grifo nosso)

Em consonância ao que foi exposto, Martelota (2016, p. 63) afirma que “entre discurso e gramática há uma relação de simbiose: o discurso precisa dos padrões da gramática para se processar, mas a gramática se alimenta do discurso, renovando-se para se adaptar às novas situações de interação”. Dessa forma, é possível considerar que os falantes recriem padrões gramaticais satisfatórios e expressivos com propósito de conferir informação ao discurso. Ainda, conforme Furtado da Cunha; Costa; Cezario (2015), o discurso, na perspectiva funcional, está relacionado às estratégias comunicativas para organizar funcionalmente seu texto para um determinado ouvinte, em uma determinada situação comunicativa. Dessa forma, os autores compreendem que, por um lado, tem-se o discurso tomado como ponto de partida para a gramática; e por outro lado, tem-se também como ponto de chegada. Assim, compreende-se o discurso como sendo um fenômeno dinâmico que se desenvolve no tempo, permitindo a atualização continuada da informação pragmática do falante e do ouvinte.

O posicionamento de que a gramática diz respeito à própria organização da língua a partir do/no uso que é feito dela em situações reais de interação, então o oposto, como sendo um conjunto de regras e princípios subjacentes a construções linguísticas é defendido por Dik (1997), no momento que afirma a respeito da gramática funcional, como sendo uma teoria que cumpre satisfatoriamente a perspectiva do paradigma funcional.

Compreende-se, assim, que tudo pode ser explicado com referência à funcionalidade da língua, tendo em vista, mais uma vez, que são nos usos da língua que estão os objetivos da

gramática funcional, uma vez que são os usos que dão forma ao sistema. Somado a isso, Neves (2004, p.23) considera que “da estrutura de uma sentença não é suficiente para determinar o som e o significado da expressão linguística, entendendo-se que a descrição completa precisa incluir o falante, ao ouvinte e a seus papéis e seu estatuto dentro da situação de interação determinada socioculturalmente”. Entende-se, conforme Neves (2014), que a gramática se alonga a partir de processos que alcançam o nível do texto, como produção discursiva, estando incluídas na raiz da gramática as determinações interacionais. Para a autora, os fatos gramaticais avaliados em associação às funções da linguagem estabelecem-se em conjunto que integra sintaxe, semântica e pragmática (NEVES, 2014, p. 70).

Neves (2014) considera a gramática como estudo assentado na reflexão sobre a linguagem em uso que penetre na composicionalidade de sentidos e efeitos, que conseqüentemente disparam usos adequados e significativos em cada diferente situação. Os usuários de uma língua interagem a partir de ativação de processos na constituição das produções linguísticas, no todo da linguagem. A autora explica que “a gramática é um mecanismo ‘constitutivo’ do fazer da linguagem, e nela, exatamente repousa o cálculo da reprodução de sentido do que é enunciado” (NEVES, 2014, p.71).

Neves (2014, p.73), a respeito da necessidade de um olhar mais reflexivo sobre a ativação da linguagem na produção linguística, afirma que a gramática da língua deve ser vista como “a responsável pelo entrelaçamento discursivo-textual das relações que se estabelecem na sociocomunicação, sustentadas pela cognição”. Diante disso, compreende-se uma gramática a partir da vivência da linguagem, não desvinculada da situação de uso, uma gramática que abrange, segundo Neves (2014, p.73), “um componente pragmático (na ponta de entrada das motivações e na ponta de saída dos efeitos, na interação); um componente semântico (na produção de significações); e um componente sintático (na organização das relações construcionais no enunciado)”. E assim, a autora reforça a necessidade de se ter a gramática a partir da perspectiva da produção de sentidos e efeitos configurando um sistema sempre equilibrado, embora nunca cristalizado.

Neves (2014, p. 78) orienta ainda mais algumas reflexões, tais como: i) o uso linguístico ativa a gramática da língua; ii) a linguagem é apenas uma das organizações que a gramática regula para o uso linguístico; iii) a gramática da língua, em função, não está pronta e fechada, mas o acionamento dos processos é que vai definir as suas funções e iv) a gramática não deve ser reduzida a um esquema taxonômico de categorias que esperam aplicação.

Dessa forma, fica evidente que ao considerar as estruturas linguísticas exatamente pelo que elas representam como organização dos meios linguísticos de expressão, tem-se em vista a linguagem em perspectiva funcional. Por fim, a gramática está em constante mudança, a fim de atender às necessidades da língua, uma vez que ela não se desvincula da situação de uso. Logo, é no uso da língua, por meio do componente cognitivo, que a gramática se instaura. Sendo assim, “a sintaxe não é autônoma, uma vez que ela está subordinada a mecanismos semânticos que nossa mente processa durante a produção linguística em determinados contextos de uso” (MARTELOTTA; KENEDY, 2015, p.16).

### **1.3 Mudança linguística**

Iniciamos esta seção, a partir do pressuposto de que a gramática de uma língua, numa perspectiva funcional, serve para realizar uma determinada função que a faz ser um sistema adaptativo complexo e emergente, sendo a função determinante para sua maneira de ser, como já mencionado. Assim também, entende-se que a língua não é um sistema pronto e acabado, ela está sempre em constante funcionamento, ou seja, seus usuários são capazes de empregar diferentes estratégias comunicativas em diferentes situações de uso da língua.

Entende-se ainda que as línguas mudam sem cessar e não podem funcionar senão mudando, ou seja, a mudança linguística é ao mesmo tempo inerente e constitutiva da língua. Portanto, pode-se afirmar que a mudança não acontece de forma caótica. Embora haja um caos necessário, ela reflete a relação do sistema gramatical e o funcionamento discursivo, uma vez que ela é conduzida por fatores internos e externos à constituição sistêmica. Tais fatores mencionados correspondem, conforme explicam Bagno e Casseb-Galvão (2017, p. 9): “a fatores linguísticos, relativos à constituição fonético-fonológica, morfossintática, semântica e discursivo-pragmática; e a fatores sociais, como faixa etária e gênero”. Assim também, os autores completam que estão inerentes à mudança linguística fatores relacionados de ordem cognitiva, como capacidade analógica, metafórica e metonímica.

Martelotta e Kenedy (2015) declara que a teoria da gramaticalização passou a ser adotada por Elizabeth ClossTraugott a partir do momento que demonstrou interesse por fenômenos relacionados à mudança linguística. Logo, fica evidente que as teorias sobre mudança da língua estão vinculadas com a teoria de gramaticalização. Nessa teoria, as formas linguísticas têm seus usos estendidos por processos unidirecionais de mudança, motivadas pelo uso e por fatores cognitivos, tendo como princípio para análise os fatores semântico-pragmáticos da mudança. Logo, os autores deixam claro que o uso da língua em situações

reais de comunicação pelos seus usuários é o grande motivador para as transformações ocorridas no sistema linguístico no decorrer dos tempos. Em consonância ao exposto, Barros (2016) afirma que “a língua existe em função da organização da vida humana, logo, se a vida muda, é bem razoável que a língua também mude” (BARROS, 2016, p. 35).

Por conseguinte, a pesquisadora considera que o modelo de análise sociolinguístico não chega a dar conta de todos os tipos de mudanças, como, por exemplo, os de ordem semântico-pragmática, que levam à disfunção entre forma e significado, em que a uma mesma forma associa-se mais de uma função – casos de polissemia ou de multifuncionalidade de um dado elemento da língua. Por fim, reconhece-se que esses tipos de mudança interessam à gramaticalização, outro “modelo” explicativo que surge para dar conta da variação não de forma, mas de sentido/função, motivada pelo uso.

#### **1.4 Linguística Funcional Centrada no Uso: algumas considerações**

Tendo em vista a LFCU, Tomasello (1998) a considera como uma abordagem com tendência funcionalista de estudo das línguas, conhecida também como Linguística Cognitiva que surgiu em virtude do funcionalismo norte-americano. A LFCU é a união das pesquisas de representantes da Linguística Funcional como Talmy Givón, Paul Hopper, Elizabeth Traugott, Joan Bybee, Sandra Thompson entre outros e os representantes da Linguística Cognitiva, como George Lakoff, Ronald Langacker, Adele Goldberg, William Croft, entre outros. Ainda, pesquisadores como Tomasello (2005) e Martelotta (2008) consideram essa abordagem como Linguística Cognitivo-Funcional. Embora, Bybee (2010) afirma que a Teoria Baseada no Uso é de certo modo, apenas um novo nome que surgiu a partir do funcionalismo norte-americano.

A LFCU é a abordagem que tem em vista uma estreita relação entre a estrutura das línguas e o uso que os falantes fazem dela nos contextos de comunicação para satisfazer as suas necessidades. Martelotta (2011, p. 27) corrobora para essa compreensão ao se posicionar coerentemente afirmando que as “línguas não têm finalidades em si mesmas, os humanos as desenvolveram para promover comunicação entre eles”. Assim, é possível afirmar que a estrutura da língua acontece a partir da experiência humana social e histórica. Assume-se, ainda, que a abordagem da LFCU compreende a regularidade e a instabilidade da língua como motivadas e modeladas pelas práticas discursivas dos usuários no cotidiano social, podendo ser afetada pelo uso linguístico.

Nesse sentido, a LFCU pressupõe que a estrutura da língua é motivada por fatores cognitivos, sociocomunicativos e linguísticos (BARROS, 2016). Nessa abordagem, as

categorias linguísticas estão relacionadas às experiências que temos das construções em que elas ocorrem; da mesma forma, estão relacionadas às categorias de classificação de objetos da natureza e da cultura com a nossa experiência de mundo. Assim também, as diversas habilidades cognitivas humanas, como memória, atenção, capacidade de reconhecer padrões, experiência, organização, utilização e transmissão de dados, dentre outros fatores, unem-se para promover um determinado objetivo de comunicação. É importante considerar que esses aspectos mencionados são de ordem cognitiva, e por isso, concretizam-se na interação.

A análise de fenômenos linguísticos, no modelo centrado no uso, faz-se necessária acontecer baseada no uso da língua em situação concreta levando em consideração o contexto em que as construções gramaticais estão inseridas, considerando os fatores pragmáticos e discursivos nas análises. Assim, uma forma linguística não carrega em si mesma o seu sentido, mas fornece pistas para a construção do significado dentro de uma situação comunicativa específica. Com efeito, Bybee (2010) defende que o Funcionalismo na contemporaneidade compreende a estrutura linguística como derivada de processos cognitivos gerais; assim, os usos da língua são compreendidos como resultado da experiência, da rotinização e da perspectivização na manifestação da língua. A esse respeito, Rosário e Oliveira (2016) atestam “a abordagem holística e contingencial dos usos linguísticos, na consideração de que itens não ocorrem ou produzem sentido isoladamente, de que é preciso considerar as relações contextuais” (ROSÁRIO e OLIVEIRA, 2016, p. 236).

Segundo Martelotta (2011, p. 56), com referência aos usos linguísticos considera que

Os eventos de uso, aliás, são cruciais para a continuidade da estruturação do sistema, já que não representam apenas o produto do sistema linguístico do falante, mas fornece o *input* para o sistema de outros falantes. Portanto, desempenham duplo papel no esquema comunicativo: ao mesmo tempo em que constituem o resultado da atuação do sistema linguístico, os eventos de uso amoldam esse sistema, através de um processo de *feedback* (MARTELOTTA, 2011, p. 56, grifo do autor).

Sendo assim, Martelotta (2011) compreende que a língua é moldada pelo uso linguístico e sendo esse mecanismo de estratégias interacionais como motivadoras da gramática. “A gramática é vista como representação cognitiva da experiência dos indivíduos com a língua; portanto, ela pode ser afetada pelo uso linguístico” (FURTADO DA CUNHA *et al.*, 2013, p. 14). Logo, as teorias baseadas no uso afirmam que a sintaxe existe e organiza em função de um discurso em uso e contextualizado, ou seja, a gramática é moldada não apenas pelo uso, mas também, por uma dinâmica cognitiva. Por conseguinte, a LFCU analisa a língua

considerando tanto os aspectos internos quanto externos ao sistema e a conceitua como algo complexo e fluido, que tem construções relativamente estáveis, enquanto outras estão em emergência.

Valendo-se dos processos cognitivos de domínio geral de orientação funcional-cognitiva trataremos apenas de alguns que são de interesse para esta pesquisa: categorização, informatividade, analogia e chunking.

A respeito do princípio de categorização, Bybee (2010, p. 26) afirma que “domínio geral, isto é, as categorias perceptuais de vários tipos são criadas a partir da experiência, independentemente da língua”. De um modo geral, pode-se afirmar que tudo no mundo é categorizado. Categorizar é conceituar eventos do mundo e representá-los por meio de entidades linguísticas. Para tanto, Barros (2016) define a categorização sendo uma atividade cognitiva básica do ser humano, que envolve a nossa capacidade de associação e memória. Por conseguinte, Furtado da Cunha *et al.*, (2013) afirmam que, no domínio linguístico, a categorização diz respeito à semelhança ou identidade que ocorre quando sintagmas e suas partes correspondentes são reconhecidos e armazenados na mente (FURTADO DA CUNHA *et al.*, 2013, p. 28). Os autores, consideram ainda que a categorização interpõe-se a relação do mundo biofísico e sociocultural com a experiência humana.

Na língua, Barros (2016) analisa a categorização como

uma atividade de converter conceitos (a partir de experiências do mundo) em experiências linguísticas por meio de um agrupamento feito por semelhanças. Esse agrupamento pode ser realizado porque qualquer falante que observa as semelhanças, mas as categorias linguísticas (que também seguem o mesmo processo de semelhança) são distintas por uma atividade de reflexão sobre a língua (atividade metalinguística) realizada por um gramático ou linguista. (BARROS, 2016, p. 40).

Dessa forma, é importante compreender que o processo de categorização se dá também pela separação de afinidades. A respeito disso, Barros (2016) explica que no léxico as palavras são agrupadas a partir daquilo que elas podem nomear ou conceituar ou ainda pelo seu desempenho funcional. Tudo isso, diz respeito à capacidade cognitiva do usuário da língua de perceber e organizar o mundo. Furtado da Cunha *et al.* (2013, p. 29) comungam da visão de Barros (2016) ao afirmar que “linguagem não é a representação da realidade objetiva, mas de como ela é percebida e/ou experienciada pelos humanos”.

Já, o princípio da informatividade refere-se ao conteúdo da informação que são compartilhados entre os interlocutores em um momento de interação verbal. Pode-se dizer também que este princípio conta tanto com um aparato léxico-gramatical, tendo em vista, suas



múltiplas possibilidades de organização e codificação textual, quanto com recursos extralinguísticos (FURTADO DA CUNHA *et al.*, 2013, p. 26). No plano textual, a informatividade pode ser observada na organização de um enunciado maior, tendo em vista as características ao estatuto informacional, podendo ser explicado com as noções sobre **dado e novo** e as categorias intermediárias **inferível e disponível**.

Dessa forma, Furtado da Cunha *et al.* (2013, p. 28) esclarece que a categoria informatividade tem a ver não somente com o aspecto semântico do texto, mas também, com o fluxo da informação, da organização sequencial e da forma expressiva em que é apresentado o texto. A autora afirma ainda que tais fenômenos articulam fatores, ao mesmo tempo, de ordem tanto semântico-cognitiva como discursivo-interacional.

A respeito de analogia, Bybee (2016, p. 27) afirma tratar de um processo pelo qual enunciados novos são criados com base em enunciados de experiências discursivas anteriores. Ou seja, é a capacidade cognitiva de o indivíduo estabelecer associações significativas, uma vez que é de domínio geral. Entende-se, ainda, por analogia como um processo cognitivo complexo e não consciente; um processo de inferência de um elemento em relação a outro.

Bybee (2010) considera que o termo analogia tem dois sentidos, um mais específico e um mais geral: o mais específico está associado às mudanças no paradigma morfológico, enquanto o mais geral aplica-se à sintaxe, ao analisar como expressões novas surgem a partir de expressões já existentes. Isso se exemplifica em português a partir do acréscimo do sufixo desinencial a substantivos motivando a formação de novos verbos: **pamonha > pamonhar; tank > tankar; bug > bugar**. Além disso, pode-se considerar também a presença de uma expressão verbal acrescida de uma desinência, permanecer motivada como verbo, embora, exerça outra forma: **delet > deletar; stalk > stalkear; spoil > dar spoiler**. Esse processo se explica a partir do princípio de que uma base anterior motiva uma posterior. Assim, uma mudança morfológica, com base na analogia, analisa como uma palavra muda baseada em características semelhantes existentes em outras. Para a autora, a mudança analógica acontece em um item de cada vez, e não afeta todos os itens lexicais e paradigmas morfológicos que possuam a mesma condição de produção.

Barros (2016) considera que a analogia na língua é possível uma vez que a organização e o sentido não acontecem isolados. Dessa forma, a autora expõe que, conforme a gramática de construções (GC), todos os fenômenos na língua são construções que acontecem integrados em uma rede de sentidos. Diante disso, compreende-se que se um item dessa rede é afetado, logo ela também será afetada, sofrendo algum tipo de influência.

Por conseguinte, outro processo cognitivo de domínio geral é o chunking (agrupamento). Ele é considerado como sequências de unidades usadas juntas, que combinadas, formam um todo significativo e mais complexo. Bybee (2010, p. 26) compreende chunking como processo na linguagem para formação de unidades sequenciais expressas como construções, constituintes e expressões formulaicas. A autora ainda define esse processo como sequências de palavras (ou morfemas) colocadas juntas na cognição, de modo que possa ser tomada como unidade única. Como exemplos linguísticos, Bybee (2010) considera como construções “*água mole em pedra dura, tanto bate até que fura, marcar consulta, bom senso, efeito colateral, pré-fabricado*” (Grifo da autora). Furtado da Cunha *et al.* (2013) corrobora com a autora ao considerar que devido à frequência de uso, uma cadeia de palavras pode ser mais facilmente processada e produzida se for acessada em conjunto.

Em suma, a LFCU trata-se de um modelo teórico-metodológico com abordagem resultante dos princípios da Linguística Funcional norte-americana e da Linguística Cognitiva. Além disso, compreende-se que as estruturas linguísticas servem a funções cognitivas e comunicativas resultantes de uma dinamicidade constante, bem como, da criatividade dos usuários da língua em realizar adaptações em diferentes contextos de comunicação, uma vez que fatores sociais, cognitivos e históricos podem influenciar a forma de codificar a informação. Assim, a língua é categorizada pelas experiências do usuário, no momento que faz uso dela. Consequentemente, descreve e explica os fatos e eventos do mundo tendo como princípio as funções semântico-cognitivas e discursivo-pragmático.

## CAPÍTULO 2

### A GRAMÁTICA DE CONSTRUÇÕES

Neste capítulo, são apresentados alguns pressupostos teóricos da Gramática de Construções, os quais permitirão a análise e descrição dos dados. Essa vertente teórica está vinculada à Linguística Cognitiva e tem como premissa básica a concepção de que a língua se organiza por pareamentos de forma e significado organizados em rede. Dessa forma, parte do fundamento de que o conhecimento linguístico dos falantes consiste em uma rede de construções, conforme consta em Goldberg (1995; 2006), Croft (2001) e Traugott e Trousdale (2013).

#### 2.1 Aporte teórico: a Gramática de Construções

Alguns autores como Fillmore (1985, 1987, 1988 e 1990), Fillmore & Kay (1993), Filip (1993), Jurafsky (1992), Koenig (1993), Michaelis (1993), Goldberg (1995) foram reconhecidos dentro do meio acadêmico como aqueles que propuseram a Gramática de Construção (GC). Todavia, essa proposta teórica, tal como se apresenta nos dias atuais, é produto dos trabalhos mais verticalizados de Goldberg (1995, 2006), Croft (2001) e Traugott e Trousdale (2013). Os pressupostos apresentados nesta seção e que subsidiam a análise são filiados às propostas destes autores, pois suas reflexões têm sido, na atualidade, de grande relevância nas análises com a perspectiva construcionista da linguagem, especialmente naquelas que no Brasil estão no abrigo da LFCU.

Goldberg (2006) afirma que as construções gramaticais são as unidades básicas da língua, estas constituem um conjunto estruturado de informações inter-relacionadas e fortemente entrelaçadas. Afirma ainda, que todos os níveis de análise gramatical envolvem construções: pareamentos de forma com função semântica, pragmática ou discursiva, incluindo morfemas ou palavras – como o é o caso da construção [x-eiro/a] –, expressões idiomáticas, padrões sintáticos mais complexos. Logo, as construções podem ser mais simples ou mais complexas. Construções que envolvem estruturas sintáticas possuem uma alta complexidade interna.

Além disso, Goldberg (2006) considera que quaisquer padrões linguísticos são reconhecidos como construções, desde que algum aspecto da sua forma não seja estritamente previsível a partir de suas partes ou por outras construções que existam. Logo, compreende-se por construções não só como sentenças básicas, como as estruturas argumentais da língua apresentadas por Goldberg (1995), mas sim, todo pareamento de forma e sentido em uma construção regulada por padrões de uso efetivo.

Furtado da Cunha e Lacerda (2017) ao apresentarem o conceito de construção a partir do princípio de Langacker (1987) mostram que as construções são *unidades simbólicas convencionais*: convencionais, porque são compartilhadas entre os falantes de uma dada comunidade linguística; simbólicas, por se tratarem de símbolos, associações entre forma e significado e unidades, porque algum aspecto do signo é tão próprio de cada indivíduo que já se estabelece na mente do usuário da língua, no pareamento forma-significado. (Grifo nosso)

Entende-se, portanto, que em todos os níveis de análise gramatical envolvem construções, pareamentos de forma com função semântica, pragmática ou discursiva. A saber, que a noção de construção se aplica a qualquer estrutura gramatical desde morfemas a padrões mais complexos, incluindo tanto a sua forma quanto o seu significado. Logo, a gramática pode ser afetada pelo uso linguístico, uma vez que é vista como representação da experiência humana.

A construção é compreendida como um padrão que emerge no uso linguístico e se convencionaliza, tornando-se base para outros usos da mesma natureza semântica. É um esquema, um modelo agregador de características comuns a elementos da mesma natureza, como explica Goldberg (1995). Por isso, a construção é esquemática e parcialmente independente, porque possui um significado próprio independente das partes (em sua maioria palavras) que a compõe. A construção [x-eiro/a], por exemplo, é convencionalizada entre os falantes de PB, os quais recorrem a esse esquema mental sempre quando as condições discursivas o requisita, seja para palavras já existentes no léxico ou para a criação de outras a partir das necessidades impostas pelo uso. Esse esquema é comum, é base para usos que revelam prototipicamente a noção de “agentividade” presente nas profissões, como lanterneiro, pedreiro, costureiro etc. Nota-se que é esquemática, isto é, há uma lacuna (*slot*), representado por X, a ser completada com a informação lexical. Assim, o que se objetiva nesta pesquisa, como está mais detalhado no esboço de análise, é mostrar a multifuncionalidade do sufixo *eiro*, que, conforme os contextos de uso, possibilita distintos sentidos categoriais. Ou seja, uma mesma forma permite ao usuário da língua desempenhar diferentes funções inter-relacionadas.

Goldberg (1995) defende que a construção tem significado próprio, isso significa que ela existe como um padrão convencional e é de domínio comum. Como já se explicou, os falantes têm as construções como parte do aparato gramatical disponível para uso e isso independe das palavras que a completem, é independente do uso em si. A propósito, é importante já ter em mente que a construção é um padrão e não o uso em si. O uso é único e ocorre a partir de fatores contextuais específicos. As construções são padrões abstratos disponíveis para dar suporte ao uso. Goldberg (1995) propõe que as construções são instanciadas no uso, assim, pode-se perceber a natureza abstrata das construções.

As teorias que dão suporte ao estudo da Gramática de Construções são chamadas de abordagens construcionistas. Para a Gramática de Construções de Goldberg (2006), construção é todo pareamento entre forma e função. “A motivação primária para o termo é que as abordagens construcionistas enfatizam o papel das construções gramaticais: convencionalmente pareadas em forma e função” (GOLDBERG, 2006, p. 4). Ainda, a autora informa que tais abordagens geralmente enfatizam que as línguas são construídas, tendo por base a exposição a *inputs* combinados a restrições cognitivas, pragmáticas e processuais.

É importante salientar que a GC foi formulada no contexto da Linguística Cognitiva e que, assim, é posto em consideração que a língua é constituída desses mesmos pareamentos, acima mencionados, organizada em rede. Goldberg (1995, 2006) apresenta que a gramática de uma língua é uma rede de construções simbólicas, colocada em evidência na experiência, tanto histórica quanto cotidiana de seus usuários e que deriva de processos cognitivos e linguísticos em uso efetivo. Miranda (2015, p. 22) esclarece que rede, ao contrário de formarem listas aleatórias, são símbolos que se vinculam por meio de elos decorrentes de nosso modo sociocognitivo de conhecer e expandir conhecimento. Os elos existentes na rede podem ser de herança ou relacionais. Os primeiros são aqueles que explicam um processo diacrônico. Os outros estão na base de uma relação em rede e justificam a expansão, a proporção de uma rede, como são os elos existentes na rede da construção [x-eiro/a]. Em suma, por rede compreende-se ser um feito, uma herança da cultura que se estabelece mediante o uso de símbolos, cuja produtividade e convencionalização<sup>2</sup> garantem-lhe o estatuto de construção de uma língua, mas também as relações estabelecidas pelos diversos valores de uma construção em uma determinada sincronia. Assim, a alta produtividade da construção [x-eiro/a] pode ser entendida e explicada a partir da noção de rede, em que é possível visualizar a expansão e a formação de elos e nós.

---

<sup>2</sup> Furtado da Cunha e Lacerda (2017) esclarecem o sentido de convencionalização dizendo tratar de construções compartilhadas por um grupo de falantes.

As construções, conforme Goldberg (2006), existem em todas as línguas, sendo essenciais para uma efetiva consideração tanto em padrões comuns (monomorfêmicos) quanto em padrões complexos (sintáticos) e elas devem ser utilizadas para analisar/reconhecer os padrões básicos e regulares de uma língua. A autora ainda esclarece que, ao contrário das teorias gerativas, as construções derivam de várias outras, formando redes sintáticas/semânticas/pragmáticas. Elas podem ser combinadas livremente para formar um enunciado, desde que não entrem em conflito, uma vez que podem resultar de construções mal formadas e não aceitas pelo uso entre os falantes.

Barros (2016) deixa claro que o princípio básico da GC se constitui na concepção de que a língua se organiza em construções configuradas pela junção de elementos cognitivos e linguísticos em uso efetivo. Ou seja, as novas construções gramaticais surgem e assumem seus significados no uso em contexto, criados culturalmente, durante a produção linguística em situação concreta de intercomunicação. Em consonância ao que foi exposto, Furtado da Cunha, Bispo e Silva (2013, p. 14) apresentam que as construções linguísticas são

concebidas como esquemas cognitivos do mesmo tipo que encontramos em outras habilidades não linguísticas, ou seja, como procedimentos relativamente não automatizados que se utilizam para realizar coisas comunicativamente. O falante adquire esse conhecimento à medida que aprende a usar a sua língua.

Os autores ainda apontam a respeito do que foi mencionado que as categorias linguísticas são baseadas nas construções em que elas ocorrem. Ou seja, “todos os elementos que compõem o processo que leva ao desenvolvimento de novas construções gramaticais surgem do uso da língua em contexto e envolvem habilidades e estratégias cognitivas que também são mobilizadas em tarefas não linguísticas” (FURTADO DA CUNHA, BISPO e SILVA, 2013, p. 14).

A GC presume alguns pressupostos teóricos como a rejeição à autonomia da sintaxe, a incorporação da semântica e da pragmática às análises, a não distinção entre léxico e gramática (entendidos como um contínuo que vai das palavras a sequências maiores), a relação estreita entre as estruturas das línguas e o uso que os falantes fazem delas nos contextos de reais de comunicação. Assim, é necessária a compreensão de que os dados para a análise linguística são enunciados que se constituem no discurso, ou seja, a organização gramatical é moldada pelo uso da língua. Ainda, entende-se que a gramática é a representação cognitiva da experiência dos indivíduos com a língua, logo, ela pode ser afetada pelo uso

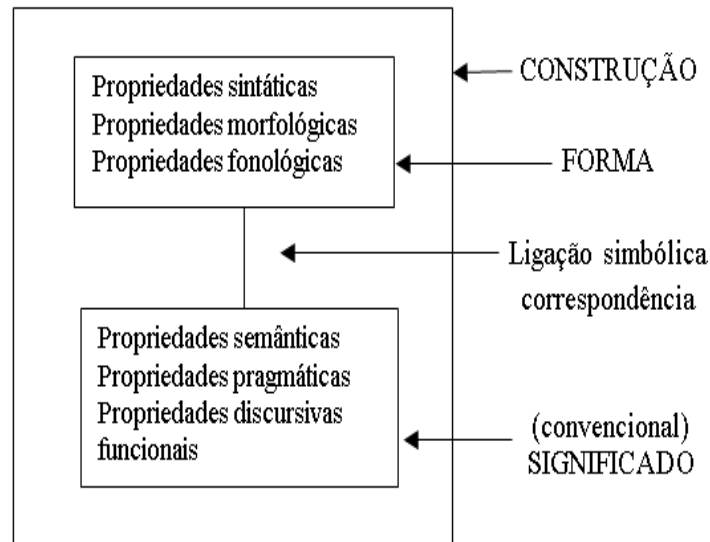
linguístico em situações de interação. Para tal confirmação, temos em Goldberg (2006, p.22) o reconhecimento de que “as gramáticas não geram sentenças, são os falantes que as fazem. Ou seja, os usuários são livres para realizar de forma criativa as construções, desde que elas existam na linguagem, e assim, possam ser combinadas”. Comunga deste princípio, Bybee (2010) ao afirmar que a estrutura linguística emana de processos cognitivos de domínio geral. Os usos linguísticos são compreendidos como produto da experiência, da rotinização, da perspectivização na e pela linguagem.

Furtado da Cunha e Lacerda (2017, p. 21) afirmam que para cada construção estudada, a GC busca motivações, que podem ser encontradas em aspectos da aquisição da língua, princípios de gramaticalização, demandas discursivas, princípios icônicos ou princípios gerais de categorização.

Além disso, as autoras consideram que dentro da perspectiva da abordagem construcional existem diferentes modelos linguísticos que assim a seguem a partir de alguns princípios gerais, sendo estes: (i) a unidade básica da gramática é a construção; (ii) a estrutura semântica está projetada diretamente na estrutura sintática; (iii) a língua é uma rede de nós e elos entre os nós; (iv) as associações entre esses nós são representadas na forma de hierarquias de herança; (v) a estrutura da língua é moldada pelo uso.

Compreende-se então, como já mencionado anteriormente, que a construção não é o uso em si. Ela é uma unidade convencional simbólica, visto que são signos, associações arbitrárias de forma e significado. Ela é um padrão para o uso, que está instanciada no uso linguístico, como exemplo disso, tem-se a construção SVO, ou mesmo o próprio objeto de estudo que culmina este trabalho, o [x-eiro]. Dessa forma, a língua se define como “um conjunto de construções específicas e hierarquizadas que, interconectadas, compõem uma ampla rede, na qual propriedades fonológicas, morfossintáticas, semânticas e pragmáticas se encontram integradas” (ROSÁRIO; OLIVEIRA, 2016, p. 7).

Temos a figura 1 como representação da arquitetura simbólica de uma construção proposta por Croft (2001, p. 18). Trata-se de uma versão esquemática para mostrar como os vínculos entre forma e significado acontecem.



**Figura 1. A estrutura simbólica de construção.**

Dessa forma, a figura 1 demonstra que a construção é uma ligação perfeita de forma e significado, de modo que um não sobrepõe o outro. O plano do significado, de acordo com Croft (2001), indica todos os aspectos convencionalizados da função de uma construção. Inclui-se aí, as propriedades do discurso em que o enunciado é usado e as propriedades da situação pragmática dos interlocutores são responsáveis pela subjetividade, a intersubjetividade e a objetividade; este plano envolve a dimensão conceptual e a discursiva. Assim, o significado comporta componentes semânticos, pragmáticos e discursivo-funcionais. Já o plano da forma comporta componentes sintáticos, semânticos e fonológicos. Entre os dois planos (forma e significado), há um elo de correspondência simbólica, sendo este fato mais relevante para compreender as relações de significação e de representação nas línguas, pois ajuda a compor a construção como um todo. Assim também, a partir deste elo, entre forma e significado, há a possibilidade de mudanças acontecerem em um dos pares, compreendendo, assim, como o usuário da língua articula seu conhecimento linguístico.

A estrutura simbólica de construção de Croft (2001) ressalta a importância atribuída tanto ao contexto interno quanto ao contexto circunstancial. Contudo, as duas dimensões motivam os usos linguísticos e são motivados por tais usos.

Ferrari (2016, p. 138) afirma que as “construções gramaticais estão normalmente relacionadas entre si, integrando redes construcionais”. Nessa mesma linha de reflexão, Furtado da Cunha e Lacerda (2016) esclarecem que a existência de sentidos diferentes atribuídos à mesma construção, a possibilidade de uma mesma forma transmitir sentidos



diferentes, mesmo que relacionados, leva à conclusão de que os elementos forma-significado não seguem uma mesma regra, podendo a forma não se alterar, mas o significado sim. Isso indica que uma mesma forma poderá expressar significados diferentes, embora um mesmo significado não possa ser expresso em uma mesma forma.

Nessa perspectiva, Goldberg (1995) apresenta o Princípio da não-sinonímia: “se duas construções são sintaticamente distintas, tais construções também devem ser distintas semântica ou pragmaticamente” (GOLDBERG, 1995, p. 67). A autora argumenta que as construções formam uma rede e estão ligadas por relações de herança que motivam muitas das propriedades de construções particulares. A rede de herança permite-nos capturar generalizações entre as construções. Goldberg (1995) ainda esclarece que da mesma forma que os vocábulos são dotados de polissemia, a gramática das construções também apresentam o fenômeno da polissemia construcional. Em relação a isso, Rosário (2015, p. 42) compreende que “uma mesma construção tende a apresentar um sentido central, embora possa estar pareada de outros significados distintos, mas correlacionados. Logo, esses sentidos correlacionados seriam possíveis por meio de extensões metafóricas e metonímicas”.

Goldberg (1995) apresenta alguns princípios cognitivos importantes para a organização linguística das redes construcionais:

- I. Princípio da Motivação Maximizada – “Se duas construções são sintaticamente relacionadas, tais construções podem ser motivadas semântica ou pragmaticamente.”
- II. Princípio da Não-Sinonímia – “Se duas construções são sintaticamente distintas, tais construções também devem ser distintas semântica ou pragmaticamente.”

Conforme a perspectiva da Linguística Cognitiva, as palavras não contêm significados, mas orientam a construção do sentido. O significado é compreendido como uma construção cognitiva, visto que o mundo passa a ser apreendido e experienciado, e assim, o significado deixa de ser visto apenas como reflexo do mundo. Dessa forma, entende-se que uma construção possa ser realizada no discurso por instanciações ou construtos que compartilham de uma mesma forma, mas que diferem ligeiramente em termos de significados.

A respeito da natureza do significado construcional, Goldberg (1995, p. 31) afirma que “As construções são tipicamente associadas a uma família de sentidos relacionados, em vez de um sentido abstrato único e fixo”. Assim, entende-se que os

significados envolvem um conjunto de fatores pragmáticos e discursivos, considerados reais, tendo em vista que as construções ocorrem em um contexto de uso linguístico.

Com relação a isso, em Rosário (2015, p. 39), a partir de Fried (2008), apresenta que a força dos fatores externos à língua é um dos motivadores para ocorrer mudanças na compreensão dos falantes, como também, possibilita buscar outras formas expressivas que conduzem a outras possibilidades semânticas e pragmáticas. Logo, o autor considera que não se criam construções totalmente sinônimas ou iguais às anteriores, mas sim, outras que sejam mais adequadas a determinadas situações comunicativas.

Ainda, com relação a fatores externos, Rosário (2015, p. 39-40) declara que “a negociação online de sentidos, a partir de um lugar comum, põe em cena formas em competição. Quando ocorre essa negociação de significados, também se cria muitas vezes um contexto de ambiguidade pragmática”. A respeito disso, Traugott (2010) considera isso como processos de subjetivização e intersubjetivização. A autora caracteriza a intersubjetividade de forma que esta se refere à maneira como as línguas naturais, em sua estrutura e em seu modo normal de operação, proporcionam ao usuário/falante a expressão de sua consciência acerca de atitudes, crenças e, mais especialmente, da “face” ou “auto-imagem” do destinatário. Ou seja, a intersubjetivização faz-se compreender na utilização de recursos linguísticos com propósito de atuar sobre o interlocutor com objetivo de reconhecimento, ou mesmo, de concordância/discordância ao que é declarado.

Por subjetivização compreende-se que ela é acionada por meio de processos de ordem metonímica. Ela surge na tensão entre o emissor em não dizer mais do que o necessário (princípio de economia) e a do receptor de selecionar a interpretação mais relevante, mais significativa ao que foi dito. Assim, a subjetivização pode ser definida como a semantização de significados baseados no falante, gradualmente abstratos, pragmáticos e interpessoais. (ROSÁRIO 2015, p. 40)

Em síntese, a respeito desses dois processos, Oliveira e Votre (2012) sintetizam esses dois processos como:

Por *subjetivação* os emissores se utilizam de termos referenciais para a expressão de sentidos relativos a seu estado interno, crenças, valores e afins; a *intersubjetivação*, de outra parte, define-se como a utilização desses recursos para a atuação sobre o interlocutor, com vistas a sua adesão ou anuência ao que é declarado. (OLIVEIRA E VOTRE, 2012, p.164, grifo do autor).

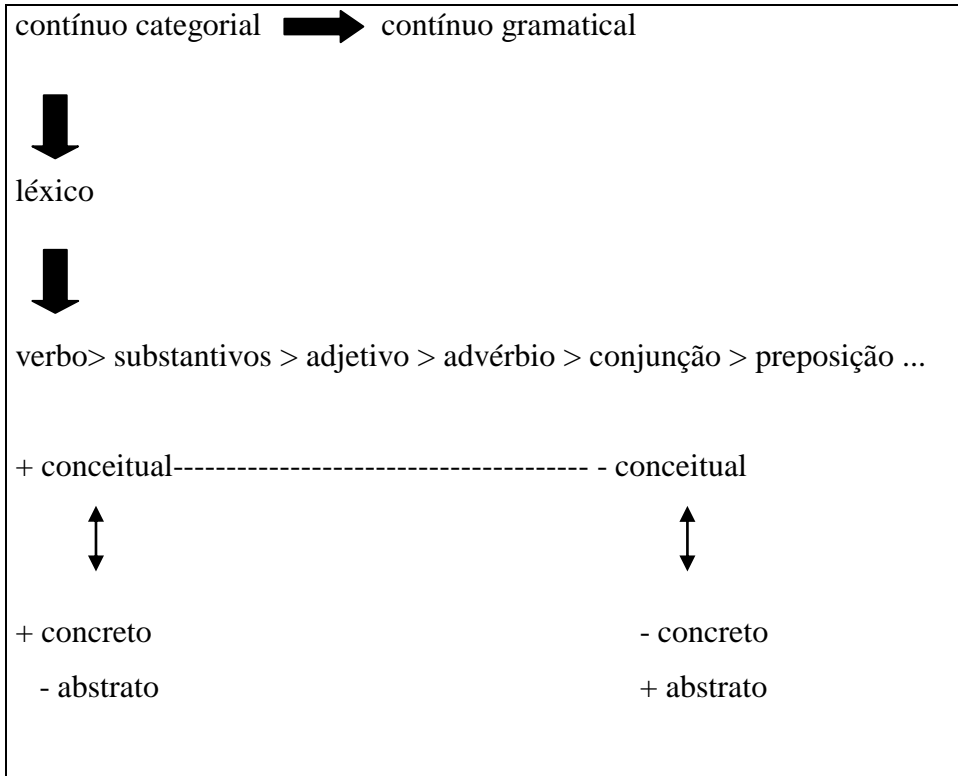
Já Traugott (2010) conceitua a intersubjetivização como o processo diacrônico de semanticização da (inter)subjetividade, assinalando haver uma distinção (embora não rígida) a ser feita entre o estado sincrônico ((inter)subjetividade) e o processo diacrônico ((inter)subjetivização). A pesquisadora assume que a mudança linguística é uma mudança no uso, tendo como base evidências encontradas em textos históricos. Traugott (2010) considera que a subjetivização e a intersubjetivização envolvem a reanálise de significados pragmáticos, que surgem em contextos em que falante e ouvinte negociam significados, como significados codificados. Assim, subjetivização é o desenvolvimento de significados que expressam a atitude ou o ponto de vista do falante, é um mecanismo existente nas línguas naturais. São usadas por seus usuários para expressar suas atitudes e crenças; enquanto intersubjetivização é o desenvolvimento da atenção do falante para a autoimagem do destinatário.

Além disso, para completar, Langacker (2008) afirma que a gramática constitui um conjunto de princípios dinâmicos associados a rotinas cognitivas que são moldadas, mantidas e modificadas pelo uso. Com isso, compreende-se, mais uma vez, que a gramática não é uma estrutura ou conjunto de normas prontas, ao contrário, ela emerge, via cognição, no e pelo uso da língua. Assim, compreende-se que a forma é uma variável dependente resultante das regularidades das situações de uso.

Martelotta (2011) considera que a unidade preliminar da gramática é a construção gramatical, podendo ser caracterizada por qualquer elemento formal associado a algum sentido, alguma função pragmática ou alguma estrutura informacional. O autor explica que uma construção

cobre uma grande variedade de unidades linguísticas, distribuindo-se num *continuum* que engloba desde morfemas simples, passando por palavras multimorfêmicas, expressões idiomáticas, sintagmas fixos com significado composicional, até padrões sintáticos abstratos. Tendo em vista a noção de *continuum*, a diferenciação entre elas se dá de forma gradativa e não discreta (MARTELOTTA, 2011, p.85, grifo do autor).

Dessa forma, compreende-se que a análise de uma língua se dá em um *continuum*, podendo analisar uma construção desde um morfema até expressões sintáticas complexas, por serem estruturas simbólicas convencionalizadas. Isso quer dizer que a GC deve ser considerada como unidade analítica de descrição de uma língua, visto que confere a este modelo uma visão ampla de construção, a envolver todo o conhecimento linguístico em um contínuo que vai das palavras a sequências mais complexas. Podendo ser demonstrada no quadro 1.



**Quadro 1. Demonstração de contínuo.**

A esse respeito, vale reforçar a afirmação de Goldberg (2006) ao dizer que qualquer padrão é reconhecido como construção; desde que algum aspecto de sua forma ou função não seja previsível de suas partes componentes ou de outras construções já existentes. Desse modo, fenômenos linguísticos desde morfemas, palavras, sintagmas, orações, etc., são exemplos de construções gramaticais, e podem ser caracterizadas como tal, ou seja, por meio de uma forma e de um significado.

Para explicar o que foi mencionado acima, Machado (2015, p.30) apresenta construções do Português, localizadas em diferentes pontos do contínuo léxico – sintaxe. O quadro 2 abaixo foi elaborado a partir dos exemplos de construções apresentados por Goldberg (2006). Dessa forma, a pesquisadora Machado explica que as unidades mostradas no quadro diferem apenas em complexidade interna e nível de esquematicidade.

Morfemas	<i>des-      desligar, desfazer</i> <i>-íssimo    cansadíssimo, solteiríssimo</i>
Palavras	<i>e, céu, cesta</i>
Palavras complexas	<i>arranha-céu, cesta básica</i>

Idiomas (parcialmente preenchida)	Forma: X que nem Y Ex.: <i>Forte que nem burro; Feliz que nem surfista na pororoca.</i>
Expressões idiomáticas (preenchidas)	<i>Chutar o pau da barraca; Fazer tempestade no copo d'água.</i>
Construção passiva	Forma: Suj.Aux. V(SP <sub>por</sub> ) Ex.: <i>O vaso foi quebrado por Maria.</i>

**Quadro 2: Exemplos de construções variando em tamanho e complexidade.**

A partir do quadro acima, a autora considera que o conhecimento gramatical pode ser representado por meio de construções, diferindo em termos de complexidade interna e nível de esquematicidade.

Traugott e Trousdale (2013) afirmam que o pareamento forma e significado pode ser pensado em relação a várias dimensões, todas elas gradientes (níveis diferentes) como: tamanho, grau de especificidade fonológica e tipo de conceito. Logo, essas dimensões aplicam-se ao par como um todo, ou seja, à construção. Os autores compreendem a língua como uma rede formada por construções, que permite atestar a importância do contexto no momento em que as construções se instanciam. Logo, a rede é estruturada a partir do conhecimento individual e do conhecimento coletivo. Os nós dessa rede estariam ligados a outros nós via semântica, sintaxe, conhecimento cognitivo, cultura, podendo ocorrer ligação em um desses campos, ou mesmo, pela junção deles. Compreende-se assim, que a rede descreve toda a arquitetura da linguagem e não apenas módulos específicos; logo, é possível observar seus vários nós e as relações entre eles. (Traugott; Trousdale, 2013).

A respeito disso, Barros (2016), em sua tese de doutorado, afirma que a noção de rede

não se aplica apenas um módulo da língua, mas sim, a toda a arquitetura da linguagem, mostrando os diversos módulos e suas relações, comprovando que a cognição funciona de modo holístico. Os limites entre os níveis fonológico, sintático, semântico e pragmático são vistos como gradientes e tênues, corroborando a tese da não distinção rígida entre léxico e gramática, cada nova construção da língua representa um novo nó na rede, um novo pareamento entre forma e sentido. O surgimento de um novo nó na língua implica um processo de mudança que ocorre com a mobilização de diversas partes da rede (BARROS, 2016, p. 80)

Para a abordagem das construções na gramática de uma língua, Traugott e Trousdale (2013) apontam três fatores que devem ser levados em consideração: esquematicidade, produtividade e composicionalidade.

Em uma construção, conforme aponta Oliveira (2017) a esquematicidade refere-se ao nível de abstração ou virtualidade que pode assumir uma construção, como a construção svo, padrão básico, considerado altamente esquemático e que constitui a base a partir da qual um número praticamente infinito de orações pode ser produzido. Já nas construções menos ou pouco esquemáticas, se encontram frases feitas, arranjos convencionalizados que só podem ser interpretados no todo e expressões pragmáticas. O processo de esquematicidade, Oliveira (2017) entende como um “processo cognitivo de analogização atuando fortemente no aproveitamento de padrões mais gerais e virtuais para nossas criações”. Goldberg (2006) considera que os falantes não têm conhecimento apenas acerca dos itens específicos da língua. Ao contrário, o conhecimento esquemático e generalizado também faz parte da cognição humana.

Rosário e Oliveira (2016) orientam que o nível de esquematicidade deve ser considerado em um *continuum*. Há construções bastante esquemáticas e abstratas, como há construções pouco ou medianamente esquemáticas. Afirmam os autores que essa gradiência tem relação com os níveis de generalidade ou especificidade da construção. Assim, quanto mais esquemática for uma construção, mais abstrata ela é e mais construções podem preencher os *slots* (espaços abertos que podem ser preenchidos por novas construções) abertos por uma construção.

Já a produtividade diz respeito, segundo Oliveira (2017), a frequência com que a comunidade linguística utiliza determinado padrão. A produtividade, considerada básica para mudança linguística, é tratada sob dois pontos de vista: a produtividade do uso efetivo e a produtividade do padrão, do esquema. Traugott e Trousdale (2013) compreende que uma construção seria considerada produtiva ou não a partir do grau de extensibilidade ou e restrição do(s) (sub)esquemas a que está vinculada. Traugott e Trousdale consideram a produtividade pela frequência *type* e *token*. Os autores definem a frequência *type* como a frequência da construção. Já a frequência *token*, como a frequência do construto. Afirmam que a frequência *type* e *token* não são compatíveis, porque podem ter vários usos (*tokens*) e poucos modelos (*type*) ou vários modelos e poucos usos.

Com relação à composicionalidade, refere-se ao aspecto semântico da construção, tendo em vista o significado das partes para a compreensão do todo. Dessa forma, Furtado da Cunha e Lacerda (2017) asseguram que, do ponto de vista construcional, a composicionalidade é entendida em termos de convergência e divergência – entre aspectos da forma e do significado. Explicam os autores que a convergência trata-se do momento em que o falante produz uma sequência, do ponto de vista sintático, e o interlocutor ao compreender o

significado de cada item, depende o significado do todo. Ao contrário, ocorre com a divergência, quando não há correspondência entre o significado de cada item particular e o significado do todo. Construções não composicionais não há como depreender o significado do todo pela soma das partes.

Oliveira (2017, p. 32) explica que “quanto mais composicional é um padrão, menos esquemático o é”. Assim, a autora esclarece que construções mais composicionais estão em torno do léxico: nomes, verbos e locuções verbais, como, *andar falando*, *blusa amarela*. Já construções menos composicionais e mais esquemáticas costumam estar no nível da gramática, na formação de conectores e marcadores como *sei lá*, *todavia*, *embora* e *ou seja*.

## CAPÍTULO 3

### REVISÃO DA LITERATURA: O SUFIXO *EIRO* NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Este capítulo tem como objetivo revisar alguns dos estudos realizados sobre o sufixo *eiro* em diferentes perspectivas teóricas. Pretende-se com isso trazer as contribuições desses trabalhos, mas também elucidar a importância de estudos na perspectiva construcional, como o é este. Em função do aparato construcional, assume-se neste trabalho o *eiro* como uma construção representada pelo esquema x-eiro. Como as outras perspectivas, em sua maioria, centram-se no estudo do morfema e não da construção, nesta seção a referência ao fenômeno analisado será como *eiro* alinhando ao tratamento que lhe é dado nos trabalhos resenhados.

#### 3.1 Perspectiva teórica no tratamento do sufixo -eiro

Embora reconheça a relevância de analisar a entrada histórica do -eiro na língua portuguesa, o estudo diacrônico não comporta nos limites do trabalho. Assim, é dado-lhe um outro encaminhamento como objeto de estudo: mostrar o funcionamento do x-eiro em rede, na sincronia, apresentando sua vitalidade na língua atual. Ainda assim, serão apresentados, nesta seção, o tratamento dado ao sufixo -eiro por alguns estudiosos da língua portuguesa, e conseqüentemente, sob perspectivas diferentes.

O x-eiro é tratado, na *Moderna Gramática Portuguesa* de Bechara (2009), do ponto de vista tradicional, como um sufixo (assim também como outras gramáticas). O autor considera que o sufixo de qualquer natureza está revestido de inúmeras acepções e empregá-lo com exatidão requer do usuário completo conhecimento do idioma. Ainda afirma que “ao lado dos valores sistêmicos, associam-se aos sufixos valores ilocutórios intimamente ligados aos valores semânticos das bases a que se agregam, dos quais não se dissociam” (BECHARA, 2009, p. 357). A exemplo disso, o autor apresenta o -eiro para a formação de nomes de agente, lugar: *lavadeira, padeiro, derradeiro*; para significar abundância: *doenceira, desgraceira*; para significar lugar onde se encontra ou se faz: *açucareiro, chocolateira*; para indicar nomes de naturalidade: *brasileiro*. (Grifo nosso)

A respeito desse mesmo princípio, Maroneze *et alii.*, (2015, p. 57) comungam da visão de Bechara (2009) ao considerar que os sufixos constituem elementos afixais que se



acrescentam posteriormente a uma base, construindo uma nova unidade lexical e que tais unidades tendem a guardar certas relações semânticas com suas bases.

Entretanto, Maroneze *et alii.*, (2015) acrescentam que nem sempre o significado da base e do derivado estão claramente relacionados. A exemplo disso, na palavra carpinteiro e marceneiro, pode-se notar certa opacidade do radical, mas isso não impossibilita o usuário da língua em compreender de que se trata de indicativos de profissão. Com relação à natureza dos significados dos sufixos, Viaro (2005) considera que eles são destituídos de significados, devido certa irregularidade na formação das palavras. Dessa forma, o autor exemplifica ao mostrar que

uma palavra derivada tem três graus de significação. Uma palavra como *barbeiro* significando “profissão” reside na junção do radical da palavra-base *barba* e o mesmo *-eiro* indicador de profissão, no entanto já não se pode falar que *-eiro* signifique “inseto” quando *barbeiro* é o transmissor da doença de Chagas, tampouco significa “que (faz algo) mal”, quando *barbeiro* é o mau condutor de veículos. Há portanto que se diferenciar o *significado da base* (muitas vezes apagado com o tempo), o *significado do sufixo* (que quando perde a prolificidade, também pode se tornar irreconhecível) e *significado total da palavra derivada* (que é, muitas vezes, imprevisível). De fato, *pedreiro* tem a raiz de *pedr-*, mas um pedreiro não trabalha apenas com pedras, assim como uma *leiteira* pode servir para ferver água e não leite (VIARO, 2005, p. 5, grifo do autor).

Como se pode verificar o sufixo *-eiro* apresenta uma rede interligada de significação que fornece evidências para diferentes níveis de generalizações e graus de abstração, constituindo a sua polissemia.

Ainda, Viaro (2011) considera a alteração de sentido do sufixo *-eiro*, não só na construção de paráfrases, mas também, na possibilidade desse morfema estar vinculado ao juízo de valor. Algumas construções como: *noveleiro*, *mochileiro*, *maconheiro*, *politiqueiro* e outras estão ligados à intolerância, à repetição, ao comportamento ridículo do agente, sobretudo pelos atos designativos presentes na base.

Said Ali (1965, 241), em sua Gramática Histórica da Língua Portuguesa, descreve o sufixo *-eiro* como sendo a evolução de *-ariu* > *-airu* > *-eiro*. Diante disso, o autor afirma a não existência de palavras formadas com o sufixo *-airo*, mas ressalva que no português antigo, há registros dessa etapa evolutiva em palavras como *sudairo*, *contrairo*, *fadairo*, *vigairo*, *boticaireiro* etc. Posteriormente, sob a influência erudita essas palavras em *airo* voltaram a assumir a forma primitiva em *-ário*, sendo capaz de novamente ser produtivo.

O sufixo *-eiro*, na afirmação de Said Ali (1965), é extremamente produtivo na formação de nomes que caracterizam homens e mulheres pelos seus ofícios, negócios e outras

ocupações: pedreiro, barbeiro, relojoeiro, parteira, fiandeira, bombeiro, banqueiro, entre outros. Assim como Viaro (2005), o autor comunga do princípio de que em algumas situações os nomes podem adquirir modificação de sentido. Por exemplo, em pedreiro não é um homem que trabalha com pedras, mas alguém que executa serviços de construção (no passado, era quem construía casas com pedras). Ainda, em caixeiro não é um homem que se ocupa de caixas, mas equivale aquele que viajava com caixas vendendo produtos (caixeiro-viajante).

Em síntese, Said Ali (1965, p. 242) apresenta a frequência do sufixo-eiro para indicar:

- i. que muitos dos vocábulos em -eiro são nomes adjetivos. Exemplos: verdadeiro, grosseiro, certo, [cão] perdigueiro, poedeira, entre outros.
- ii. substantivos que designam a respectiva planta ou árvore. Esclarece que a forma masculina ou feminina depende do gênero nome primitivo. Exemplos: limoeiro, mangueira, amoreira, cafeeiro, cajueiro, entre outros. Embora de castanha deriva-se castanheiro e castanheira
- iii. aquilo em que tais coisas se guardam. Exemplos: compoteira, cartucheira, agulheiro, charuteira, saleiro, entre outros. Entretanto, quanto à palavra carteira, o autor afirma que ela sofreu alteração semântica, podendo significar: um móvel ou um objeto que se traz no bolso. Também assim a palavra chaleira, vasilha própria para chá, cedeu sentido a outras funções, vasilha em que se ferve água.
- iv. lugar onde se guardam animais. Exemplos: galinheiro, coelheira.
- v. objeto que tem qualquer serventia referente à palavra primitiva. Exemplos: assadeira, mosquitoeiro, frigideira, pulseira, calçadeira, entre outros.
- vi. noção de massa, acúmulo intenso. Exemplos: chuvaeiro, poeira, nevoeiro, lameiro.

Na mesma obra, Said Ali (1965) apresenta que o sufixo -eira serve também para indicar alguns nomes abstratos ou não, que exprime na sua maioria, defeitos físicos ou morais, ou situações e atos desagradáveis, como exemplo: cegueira, gagueira, bebedeira, ladroeira, canseira, dentre outros apresentados na Gramática Histórica.

Como se pode verificar, o sufixo -eiro é analisado por alguns estudiosos na forma de categorização, descrevendo-se os nomes quanto às classes de palavras que podem formar, bem como, às classes de palavras às quais podem se juntar (MARONEZE et al., 2015).

Em se tratando da agentividade do sufixo -eiro, como indicativo de profissão, pode-se afirmar que há uma produtividade significativa a partir de estudos realizados apresentados por todos os estudiosos mencionados nesta seção.

Álvares (2005) afirma que, em nossa cultura, as atividades consideradas de maior prestígio social seriam designadas pelos agentivos em -ista, ao passo que as ocupações menos favorecidas pelo prestígio sociocultural, ou mesmo marginalizadas, seriam designadas pelos agentivos em -eiro. A exemplo do que foi exposto tem-se: jornalista e jornaleiro; neurologista e chaveiro; dentista e borracheiro, entre outras. Assim, o sufixo-eiro apresenta-se com uma especificidade ao indicar ocupações profissionais de baixo prestígio sociocultural. Embora, a autora esclarece que isso não é uma verdade absoluta, a exemplo, em manobrista e engenheiro. Da mesma forma, Botelho (2009, p. 184) acrescenta que

as profissões ligadas à noção de ‘fazer’ são expressas pelos agentivos em x-eiro, como por exemplo, jornaleiro, lixeiro, pedreiro, e profissões ligadas à noção de ser ‘especialista’ estão vinculadas ao sufixo x-ista, como jornalista, projetista, paisagista. Mesmo nas funções ligadas à música, a questão da formalidade está marcada: pianista, flautista, violinista são agentivos de instrumentos clássicos, enquanto violeiro, sanfoneiro, batuqueiro são agentivos de instrumentos populares (BOTELHO 2009, p. 184).

Diante disso, é possível perceber que no processo de formação lexical alguns estudiosos, como Bechara, apresentam seus estudos sobre o -eiro na perspectiva formalista em que as gramáticas tradicionais tendem a analisar a língua como um objeto autônomo, independente de seu uso em situações comunicativas reais. O problema disso é a forma de classificação tradicional, orientada pela lógica aristotélica, em que a linguagem seria uma simples representação de um mundo já preexistente. Assim, as definições não são capazes de apresentar com maior expressividade as inúmeras possibilidades discursivas da construção x-eiro, deixando de considerar a função que a língua exerce em contexto de uso.

Por conseguinte, Viaro (2005) apresenta em seus estudos sobre o processo morfológico do -eiro a partir de dados diacrônicos, como também, sincrônicos. O autor argumenta sobre “a necessidade de ver a língua não apenas na sua abstrata sincronicidade, já que possui tendências que não são fáceis de serem enxergadas” (VIARO, 2005). Assim, ele discute sobre a necessidade de analisar a língua além das especulações já legitimadas. Isso justifica pensar o sufixo -eiro em sua funcionalidade. Em oposição a Viaro, nota-se que, na Gramática Histórica da Língua Portuguesa, Said Ali apresenta o -eiro na perspectiva histórica, não sendo de interesse do autor, nesta obra, analisar o fenômeno na perspectiva diacrônica.

Ainda em Maronezi *et alii.*, percebe-se que os pesquisadores apresentam e classificam o sufixo -eiro de acordo com as classes de palavras que podem se constituir, como também, mostram como ocorre uma mudança de classe na unidade lexical formada. Os

autores deixam claro, nesta obra, que a forma de categorizar os sufixos é também seguida por um número significativo das gramáticas da língua portuguesa. Portanto, deixam de reconhecer o caráter multifuncional e polissêmico do x-eiro apresentado não só como uma derivada, mas também, como uma construção. Em oposição a Maronezi *et ali.*, encontra-se em Botelho (2009) a análise do x-eiro como construções agentivas, em perspectiva da Linguística Cognitiva.

Dessa forma, a proposta deste trabalho segue uma linha não prevista pelas abordagens tradicionais, pois ela acrescenta aos estudos dos processos morfológicos derivacionais do -eiro a possibilidade de contrapor-se à tradição formalista, visto que a construção x-eiro será mostrada a partir de uma nova teoria de funcionamento na perspectiva teórica da Gramática de Construções.

## CAPÍTULO 4

### MORFOLOGIA CONSTRUCIONAL: A CONSTRUÇÃO X-EIRO

Este capítulo é destinado à descrição e análise da rede construcional de [x-eiro/a]. O objetivo é mostrar a funcionalidade e a alta produtividade dessa construção na língua e, nesse sentido, a Gramática de Construções é o aparato teórico bem adequado haja vista a possibilidade de descrição do fenômeno de modo amplo, em rede com diversos nós interligados por elos de sentido. Admite-se a hipótese de que a alta funcionalidade dessa construção tem direta relação com a essência de descrever uma relação humana básica: a do fazer, tanto no sentido de produzir como de atuar.

O capítulo está organizado em duas distintas partes. Uma com uma breve resenha de morfologia construcional. A outra, dividida em duas seções, com a análise propriamente da construção [x-eiro/a].

Na primeira, consta uma breve resenha, especialmente a partir de Gonçalves (2016) sobre como a Gramática de Construções tem subsidiado a descrição de fenômenos morfológicos. O objetivo desta parte é mostrar como a teoria tem se mostrado útil para a descrição de construções no nível morfológico, porém comprovando como elas funcionam de maneira articulada com os outros níveis linguísticos e como assumem significado mais amplo, mais claro, melhor definido, quando concebidos como uma construção.

Na segunda seção, a de análise, primeiro os dados descritos a partir da teoria de Goldberg (1995, 2006) a fim de se comprovar a hipótese de que estruturas morfológicas são “sínteses” de padrões sintáticos de cenas básicas da experiência humana. Em seguida, a partir de Traugott e Trousdale (2013), mostra-se a funcionalidade da rede de x-eiro na sincronia atual do PB, considerando-se a variante falada em Goiás.

A análise dos dados mostra os usos de x-eiro em uma rede hierarquicamente organizada em categorias semânticas e correlacionadas com categorias linguísticas. Na primeira parte, é verificada a produtividade de x-eiro enquanto construção morfológica que, semanticamente, equivale a uma construção sintática de uma cena básica da experiência humana. Na sequência, a construção é analisada em uma rede com níveis, superiores, mais genéricos e abstratos, isto é, os esquemas/macrosquemas e outros níveis mais específicos ou

microconstruções/subesquemas. O esquema mais genérico da construção x-eiro é abstrato e diz respeito ao valor agentivo.

A pesquisa de cunho qualitativo e sincrônico concentra-se na descrição e análise da atuação de x-eiro em diferentes categorias semânticas e em categorias linguísticas. Embora as especificações sintáticas sejam as mesmas, as semânticas são diferentes. As noções de organização esquemáticas e hierárquicas de Traugott e Trousdale (2013), bem como, as noções de relações de heranças de Goldberg (1995) são relevantes para esta descrição porque permitem mostrar: 1) como os diferentes usos da construção se relacionam com os demais de maneira dependente e hierárquica por meio de esquemas abstratos; 2) como um uso mais básico, como o de valor agentivo, pode motivar outros por princípios de herança.

Cumprido destacar que a análise é qualitativa, embora se apresentem alguns dados quantitativos com o objetivo de atestar qual o nível de produtividade da construção em cada categoria a fim de analisar, por exemplo, se a alta frequência em uma categoria mais prototípica pode ser indicativo do alto valor polissêmico da construção, possibilitando ainda mais a sua expansão para outras categorias.

Na sequência, a seção posterior busca apresentar como a CG tem sido empregada para os estudos dos fenômenos morfológicos. Passam-se, assim, em revista algumas considerações de Gonçalves (2016) sobre a morfologia construcional.

#### **4.1 A morfologia construcional**

O termo Morfologia Construcional (MC) se refere a um paradigma teórico desenvolvido por Geert Booij no qual pressupostos da Linguística Cognitiva e da Gramática de Construções são aplicados nos estudos de fenômenos morfológicos.

Para fins metodológicos desta pesquisa a grande contribuição da MC é possibilidade de aplicação da proposta de Goldberg (1995), para comprovar a hipótese de que a grande produtividade do -eiro (construção x-eiro) deve-se a ela se referir a uma cena básica da experiência humana. A proposta da autora foi elaborada essencialmente para uma aplicação sintática, entretanto, como admite Gonçalves (2016), a MC assume uma similaridade entre construções sintáticas e morfológicas, que a princípio, na perspectiva construcional, fazem parte de um mesmo *continuum*, formando as construções gramaticais, que são regidas pelos mesmos princípios cognitivos gerais. Com isso, retoma-se e confirma-se uma premissa básica que orienta as perspectivas teóricas agregadas à LFCU da não distinção

rígida entre léxico e sintaxe ou, ainda, em harmonia com Langacker (1987), a não existência de diferença no funcionamento dos componentes da gramática.

Gonçalves (2016), inspirando-se em Booij (2010), faz uma ressalva quanto a Goldberg (1995) categorizar o morfema como uma construção, pois para este autor o morfema não consiste em um par de forma e significado de maneira independente. A contribuição significativa seria somente por meio da construção morfológica como um todo. Logo, é exatamente no sentido de um bloco como um todo que se assume a construção x-eiro, atuando em uma rede hierarquizada para a promoção de sentidos a partir da junção de uma base conceitual (representada por x-) com uma base informacional de valores diversos (representada por *eiro*).

Nos estudos morfológicos os processos de derivação são essenciais à constituição da língua. Denomina-se *derivada* a constituição de uma nova base lexical, identificando-a como *primitiva*. Consequentemente, compreende-se que a característica de uma derivada sufixal se constitui no momento em que sufixos são acrescentados a esta base.

As unidades lexicais derivadas de sufixo tendem a guardar certas relações semânticas com suas bases. Fato que se explica pelas relações de herança da GC. Por outro lado, sabe-se que nem sempre o significado da base e o do derivado esteja relacionado claramente. Ocorrem então, casos de deriva semântica, ou seja, o significado do derivado se peculiariza em um emprego específico.

Mais uma vez as contribuições da GC são fundamentais, pois a organização em rede permite a compreensão de que nem sempre os sentidos prototípicos são mantidos, visto que outros elos com outros nós significativos podem interferir no novo sentido, fazendo com que o primeiro “desapareça”.

A esse respeito, Maroneze *et alli*. (2015) adverte sobre situações em que não é possível se identificar a unidade lexical primitiva, dificultando ao usuário da língua reconhecer o processo de derivação. Tomam como exemplo a unidade lexical *estrutura*, em “a *estrutura* da universidade... como é que os cursos ou é que as unidades estão... divididas” (grifo do autor). Maroneze *et alii*. (2015) consideram que não é possível identificar o adjetivo primitivo em *estrutura*; ao contrário,

o mesmo sufixo -ura presente em loucura (de louco), gordura (de gordo) ou travessura (de travesso)... Tais casos em geral decorrem do fato de a unidade lexical primitiva ter desaparecido da língua, seja no estágio do latim, seja em estágios posteriores. Constituem, portanto fatos sincrônicos decorrentes de fatos diacrônicos (Maroneze *et alii*., 2015, p. 58).

Além disso, há a possibilidade das unidades lexicais formadas por um mesmo sufixo, apresentarem significados relacionados entre si, que são atribuídos ao sufixo. As unidades exemplificadas acima têm em comum o fato de serem substantivos abstratos que indicam estado; atribui-se, pois, ao sufixo *-ura* o significado abstrato de estado.

Na língua portuguesa, os sufixos podem ocasionar uma mudança na classe gramatical da base, ao contrário dos prefixos que em geral não têm essa característica. Os autores esclarecem que, em uma quase totalidade, as obras gramaticais da língua portuguesa têm como interesse em categorizar os sufixos quanto às classes de palavras que podem formar, e ainda, quanto às classes de palavras às quais podem se juntar. Entretanto, acrescentam que a obra de Eduardo Carlos Pereira (1926) alia ao critério de análise morfossintático o semântico.

Todavia, Maroneze *et alii.* (2015) deixam claro que mesmo havendo ampliação dos critérios de análise morfológica de uma palavra, a partir de subclassificação, ainda, é possível que haja problemas. Isso se justifica, conforme os autores, o fato de um mesmo sufixo designar mais de um significado o *-eiro*, como exemplo.

Nesse sentido, mesmo diante da percepção de que os valores de sentido se dão pela integração dos níveis semântico, sintático e morfológicos, contextualmente mobilizados, ainda há situações que não podem ser descritas em termos estritos. Apenas mediante a consideração de construção e da consequente visão ampliada do fenômeno, que é possível o entendimento da funcionalidade da língua quanto ao nível morfológico, tendo-se em mente, é claro, que o nível morfológico por si só, não pode ser tomado como uma construção.

Para Gonçalves (2016), a Morfologia Construcional (MC) permite observar de maneira mais ampla as relações entre a semântica, a sintaxe, a morfologia e a palavra. O autor defende que “esquemas morfológicos podem ser interpretados como padrões sintáticos gramaticais ou expressões idiomáticas não no nível da palavra” (2016, p. 23). Dessa forma, pode-se considerar o *x-eiro* como um esquema morfológico. Além disso, é nesse sentido, que se defende que uma cena básica da experiência humana como “alguém que faz/atua algo/objeto” pode assumir um esquema equivalente no nível morfológico representado por *x-eiro*.

A MC apela para a produtividade da organização esquemática e hierárquica da língua para explicar as generalizações e as especificidades das construções morfológicas. As construções mais específicas, isto é, aquelas mais próximas das microconstruções e construtos, conservam por uma relação de herança, propriedades das construções mais



genéricas. Gonçalves (2016) explica essa relação com base na construção *X-dor*, em que *cuidador* – representante de um esquema abstrato de sufixação em que um afixo é agregado à esquerda – herda a propriedade do nó ou da construção abstrata superior que indica agentividade, que no caso dessa construção é um nó dominante. Gonçalves (2016, p. 26) representa a rede de *dor* da seguinte forma:

$$\begin{array}{l} [ [X] ]_x Y ]_y \\ [ [X] ]_v dor ]_s \quad \text{'pessoa que X'} \\ [ [cuida] ]_v Y ]_s \quad \text{'pessoa que cuida (profissionalmente)'} \end{array}$$

As questões de herança e de hierarquia nas construções são tão verdadeiras que construções mais específicas podem ser tornar redundantes, como em *cuidador de idosos*. O autor chama atenção ainda para o processo de “unificação” em referência às propostas de Charles Fillmore na década de 80 sobre a GC. A “unificação” se refere à “operação utilizada para criar expressões linguísticas bem formadas”, uma das premissas da GC que prevê uma relação bidirecional da construção para o item e do item para a construção. Um mecanismo retroalimentativo cuja lógica pode ser associada com as propostas de Traugott e Trousdale (2013) as quais indicam que a generalização aumenta a produtividade e o aumento da produtividade colabora com a generalização. Assim, *cuidador* – um esquema deverbal em *dor* com o verbo *cuidar* – motiva a unificação do verbo *passear* com o mesmo esquema, resultando em *passeador*, para nomear aquele que passeia com animais de estimação remetendo ao esquema “aquele que passeia com cachorros profissionalmente”.

O esquema acima é resultante de uma operação utilizada para criar expressões bem formadas. No entanto, Gonçalves (2016) relembra Fillmore (1982) para justificar que os significados são relativizados a cenas, isto é, uma palavra só pode ser interpretada no contexto de um *background* que a ativa, qual seja o seu *frame*. O que tem a ver com a consciência de que a gramática é essencialmente simbólica. Gonçalves (2016) recupera Tomasello (2003) para explicar que a língua possui um sistema abstrato que reflete nas estruturas linguísticas. O sistema abstrato é representacional, ou seja simbólico, e é construído pelo falante com base em estruturas similares. A partir desse pressuposto tomaselliano, Booji (2010) deduz que

generalizações morfológicas não podem ser reduzidas ou compreendidas apenas por meio da sintaxe ou da fonologia, ou seja, existe uma gramática morfológica relativamente autônoma, apesar de integrada aos demais níveis linguísticos, num

*continuum* léxico-sintaxe; novos itens criados com base em esquemas abstratos são acrescentados ao léxico e podem apresentar propriedades idiossincráticas e/ou convencionalizar-se, como explica o autor no texto de 2007, no qual se dedica exclusivamente ao tratamento de questões desse tipo. Para ele, a existência de esquemas produtivos abstratos para palavras complexas não implica que os produtos deixem de ser listados, já que nos termos de Taylor (2002:307), “instâncias e esquemas geralmente coexistem e se apoiam mutuamente”. (GONÇALVES, 2016, p.29)

Diante disso, torna-se evidente, a partir de Gonçalves (2016), o reforço constante ao pressuposto da não distinção rígida entre léxico e sintaxe, e ainda que o léxico, bem como a gramática, retroalimentam-se pelo uso.

Considera-se juntamente com Gonçalves (2016) a importância das relações de herança para a análise dos fenômenos morfológicos. Em sintonia com Goldberg (1995), a herança se refere a qualquer característica visível na forma ou na semântica que se faça presente na construção básica que se transfira para a construção decorrente. A autora propõe quatro tipos de herança: por polissemia, por extensão metafórica, por subparte, por instanciação.

A herança por polissemia ocorre quando um sentido específico de uma construção é expandido para o sentido de outra construção. Referindo-se a Booij (2010), Gonçalves (2016, p.30) diz que “a polissemia pode proporcionar evidências para diferentes níveis de generalização e graus de abstração em uma rede interligada de construções”. O sentido de agentividade presente na construção x-eiro – sentido mais forte presente na construção básica como “alguém que faz algo”, o *padeiro*, por exemplo – também se relaciona com o sentido de itens lexicais que não indicam o que age, no sentido prototípico, mas que manifesta alguma qualificação a partir de uma ação, como por exemplo nas palavras adjetivas. A construção x-eiro em *fofoqueira*, não é a mesma instanciada em *pedreiro*, embora mantenha com ela uma forte relação de polissemia em que o sentido de ação/ agentivo é o elo.

Aquele que é qualificado como *fofoqueiro* se sujeita a ação de conversar para produzir a fofoca, como também, pode expressar o quanto produz de fofocas. Além disso, pode-se considerar o sentido da construção x-eiro, que colabora para a sua instanciação em *fofoqueiro*, é o de pejoratividade. Este sentido pode ser considerado como outro nível de generalização abstrata que emerge da construção. Verifica-se que sentidos de diferentes campos ou níveis de generalizações se convergem para a produtividade dos usos, podendo ser compreendidos apenas em uma visão em rede.

A metáfora diz respeito ao mapeamento metafórico em que o sentido de uma construção primária é projetado para o sentido de uma nova construção, ou seja, ocorre uma projeção entre domínios diferentes, de um domínio fonte para um domínio alvo. A ação de bater um bolo é realizada por um agente humano, entretanto, essa atividade pode ser realizada por um instrumento com valor agentivo, a *batedeira*. A ação de bater prototípica de ser realizada por um humano, pode se projetar também para um instrumento.

A herança por subparte ocorre quando “uma construção corresponda a um pedaço da outra, constituindo uma porção independente da que se origina” (GONÇALVES, 2016, p. 32). Em português, os afixoides, como *homo*, são os melhores exemplos. *Homo* é decorrente da ressemantização por metonímia de um radical neoclássico, resultando em igual, semelhante – *homônimo*. Embora, não se possa pensar da mesma forma em *homologação*, ou mesmo, *homossexual*, pois não se atualizam, uma vez que, o significado deste constituinte *homo* encontra-se amalgamado – o significado está no todo.

A herança por instanciação é aquela em que um esquema básico proporciona a instanciação de outro mais básico. A construção  $[[X]_i \text{ eira}]_{sj}$ , em que *eira* equivale a entidade em que se faz, instancia outras construções mais específicas cujo X pode se referir: a uma base nominal como em *iogurteira*, *inhoqueira*, *licoreira*; a uma base verbal como em *batedeira*, *descascadeira*, *fritadeira*.

Gonçalves (2016) adverte que os processos de formações de palavras descritos a partir da MC podem ser explicados a partir de diferentes movimentos, como o fato de um mesmo sufixo operar com bases categoriais muito distintas (nome e verbos). A compreensão dessa flutuação categorial é muito interessante e relevante para a descrição dos processos morfológicos em que bases como verbo e nome instanciam um esquema mais geral e abstrato (X-aquele em que se faz).

A partir das considerações de Gonçalves (2016) acima em associação com a noção de que construções morfológicas, como *x-eiro* ou *x-dor*, podem ser representação das cenas básicas da experiência humana (conf. Goldberg 1995), é lógico afirmar que a partir de uma visão construcional o léxico não é uma lista de palavras disponíveis na língua. Ao contrário, ele é um conjunto construcional significativo e, nesse sentido, vai perfeitamente ao encontro de uma das premissas mais fortes da LCFU acerca da não distinção rígida entre léxico e sintaxe.

#### 4.2 X-eiro: um esquema morfológico de representação de cenas humanas básicas

A análise dos dados revelou que o uso mais produtivo da construção x-eiro é no domínio semântico agenteivo – portanto refere-se ao âmbito pessoa/humano –, no qual um *agente produz ou atua sobre um objeto*. Então, parte-se do princípio que a construção x-eiro indica um macro domínio semântico designador de ações/atuações humanas<sup>3</sup>.

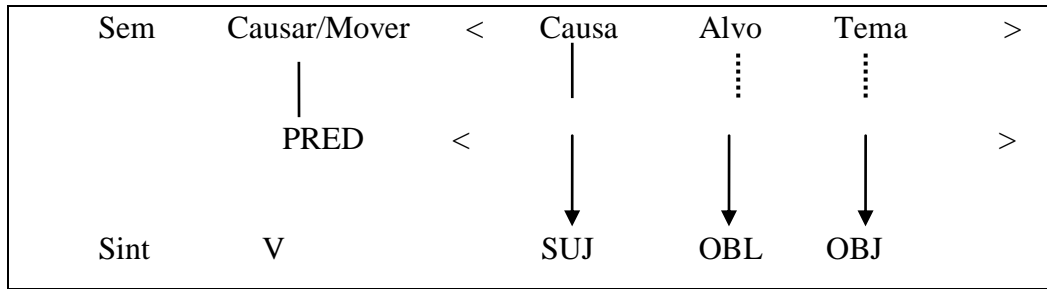
Goldberg (1995) propõe que as cenas básicas da experiência humana fornecem material para construções oracionais simples, como por exemplo, as de cenas de movimento causado que resultam nas orações ditransitivas. Seguindo por esse mesmo raciocínio da autora, e como já propôs Botelho (2009), a construção x-eiro pode ser compreendida como uma construção morfossintática, pois reflete morfológicamente uma cena básica da experiência humana que, sintaticamente, equivaleria a “alguém produzir algo” ou a alguma relação que seja equivalente a essa como “alguém que atua em algo”. Enfim, o domínio semântico da ação tanto no sentido de fazer/produzir como no sentido de atuar/exercer parece ser o campo que mais favorece a emergência da construção x-eiro.

Na língua os elementos prototípicos são mais sensíveis tanto à mudança quanto à ampliação para classes hospedeiras. Tal argumentação fundamenta-se especialmente porque os elementos prototípicos normalmente referem-se a domínios básicos da experiência humana. A noção de “produzir” ou “atuar” sobre algo é um tipo de atuação humana básica e, como básica, pode ser muito recorrente, tornando-se, como isso, prototípica. A convencionalização da construção x-eiro sugere a hipótese de que ela, contrariando a noção de unidirecionalidade, se amplia por diversos domínios semânticos. Dessa maneira, a construção estruturada em torno do sufixo de atividade mais produtivo no PB, torna-se um sufixo prototípico, ampliando-se mais ainda para outros valores semânticos, como consta na análise da próxima seção.

A partir do modelo de Goldberg, o sentido central da construção ditransitiva no português ocorre como em inglês (GOLDBERG, 1995, p. 38), em que um “agente faz com que o recipiente receba o paciente”, isto é, uma construção ditransitiva é aquela que possui o seguinte valor: X causa Y receber Z, em que X é o “agente”, Y o “paciente” e Z “o recipiente”. Sintaticamente, temos X sujeito, Y como o OBJ1 e Z como o OBJ2. Goldberg (1995, 2006) define as construções de movimento causado como construções básicas da língua. A autora apresenta com a seguinte figura uma construção de movimento causado:

---

<sup>3</sup> Essa ideia será tratada de maneira mais completa em 4.3.



**Figura 2-** Construção de Movimento Causado. (Fonte: Goldberg, 1995, p.52).

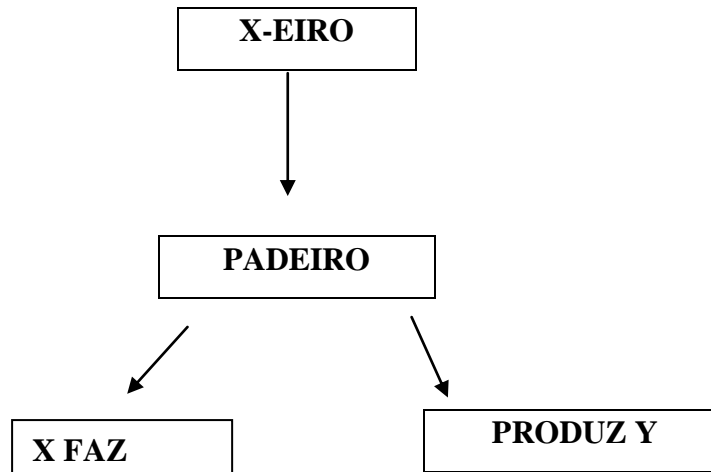
Assim, nessa representação, observa-se que “Sem” representa a estrutura semântica da construção; “Sint.” indica a estrutura sintática da construção em relação às funções gramaticais de sujeito e objeto(s); “PRED” representa a variável que será preenchida por um verbo instanciado na construção; as linhas pontilhadas indicam os papéis argumentais da construção que poderá ser designado ou não.

Goldberg (2006) afirma que as construções existem em todas as línguas. Elas são essenciais para uma explicação efetiva de padrões incomuns ou, particularmente, complexos e podem ser invocadas para explicar os padrões regulares, básicos da linguagem também. A construção x-eiro se realiza materialmente mediante um sufixo adjungido a uma base conceitual. A noção semântica dessa junção reporta a algo mais complexo, no caso desta pesquisa isto é, uma cena básica da experiência humana. Goldberg nota ainda que uma construção possui significado independente das palavras que as compõem. A construção x-eiro, quanto ao seu nível formal, refere-se primeiramente ao nível morfológico, entretanto, a proposta de Goldberg permite considerá-la como algo mais amplo, haja vista que ela possui significado em si mesma independente dos elementos constitutivos. Por isso, a noção construcional é essencial para se compreender e se explicar de maneira mais completa uma relação complexa, como a instaurada pela construção x-eiro.

A partir desse parâmetro, pode-se considerar que, da mesma forma que Goldberg explica a construção de movimento causado a partir de uma cena básica da experiência humana, a construção x-eiro também pode ser descrita em relação a uma cena básica da experiência humana. Essa construção equivale a *um ser humano agente produtivo age/produz sobre um objeto*. Logo, têm-se um *X que age sobre Y e produz Z*, tratando-se, obviamente, de uma relação prototípica para a construção. Em outras palavras, todas as vezes que a construção x-eiro é instanciada, ela instaura um sentido equivalente ao que poderia ser

proposto em uma oração. Na oração “*O padeiro chegou para trabalhar*”, a construção x-eiro faz emergir a oração [*O que faz/produz pão*] *chegou para trabalhar*.

A exemplo do que foi apresentado tem-se o esquema:



**Figura 3** – Demonstração de X-EIRO - Movimento Causado

Dessa forma, a construção x-eiro, prototipicamente designadora de relações humanas e agentivas, equivale a uma oração que descreve *alguém que faz/atua algo*. Concomitantemente, compreende-se que o ato de fazer/produzir/atuar sobre algo está presente também na experiência humana básica, por isso, a construção x-eiro pode ser descrita em termos de uma cena básica. Logo, por se referir a algo que é básico, a hipótese é de que x-eiro se expanda para outras categorias da língua, uma vez que as categorias básicas fornecem material para as outras mais periféricas.

Os exemplos a seguir são respectivamente a descrição de uma relação humana, agentiva, produtiva; uma cena básica da experiência humana pela construção do x-eiro:

(1) E... e quando o senhor era criança... né? Morô lá em Mossamedes... aqui em Goiás... que **brincadeira** cêis faziam? Que tipo de... de... com quem o senhor brinca:::va?

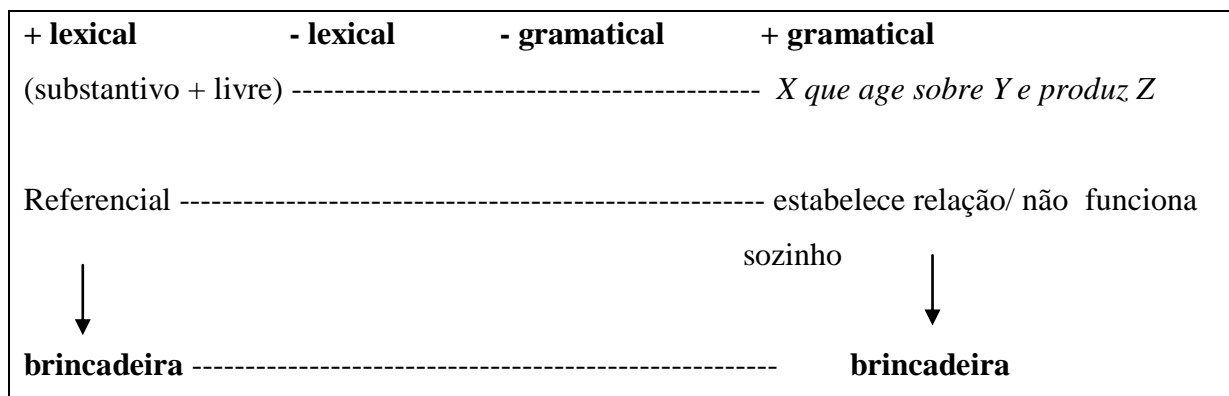
(*Corpus Fala Goiana*)

(2) A festa da pedreira é de São Sebastião... é uma festa... uma missa que tem lá todo ano... primeiro domingo de setembro... ai eu e minha mãe era **festera**... ai até seu pai era **festero** junto comigo ai depois ele desistiu.

(*Corpus Fala Goiana*)

Em (1) e (2), os construtos, em negrito, descrevem pela instanciação da construção x-eiro, cenas básicas da atitude humana, ou seja, descrevem atividades agentivas humanas, em que *alguém faz algo*. Em (1), **brincadeira** não é necessariamente algo produzido, como um objeto concreto criado, mas é uma produção de comportamento a partir de uma ação humana. Já em (2), ao contrário do que se verifica em (1), ocorre uma produção mais concreta, com existência tempo-espacial mais concreta, que é produto de uma atuação humana. Portanto, aqui nota-se, em termos de Goldberg (1995), quanto às cenas básicas de experiência humana, a noção semântica de *alguém que faz/atua algo* diz respeito a um tipo de relação humana básica. Alguém humano atua proativamente na produção de algo – a festa. O festeiro é o que faz a festa e brincadeira é produto de brincar. Um humano que a partir da sua prática, atua, cria algo externo a si mesmo.

Assim, confirma-se que para a Gramática de Construção, conforme Goldberg (2006), não há distinção entre léxico e gramática, mas que há um *continuum* que vai das palavras a sequências maiores, por esse motivo, compreende-se que o -eiro não é só morfológico, e sim sintático, como também pragmático e discursivo, como representado a seguir:



**Quadro 3** - Gradiência léxico-gramática representada por x-eiro.

Conforme pode ser visto acima, a gradiência léxico-gramática representada pelo x-eiro é percebida em uma análise escalar do plano mais lexical para o plano mais gramatical em linhas contínuas. Logo, compreende-se que nessa perspectiva de um mesmo *continuum* o x-eiro perpassa do plano referencial para o das relações de sentido inerentes ao contexto de uso. Com isso, confirma-se mais uma vez que não há distinção rígida entre léxico e sintaxe ou léxico e gramática.

Bybee (2010) comunga do mesmo pressuposto de Goldberg (2006) ao considerar não haver diferença entre gramática e léxico. Segundo Bybee (2010) conforme citado por Silva (2015, p. 75) “gramática e léxico formam um *contínuum*, cujas fronteiras são pouco claras, e em certos casos indefinidas, o que aponta para a maleabilidade, multifuncionalidade, gradualidade e gradiência dos fenômenos linguísticos”.

Nas ocorrências de uso do x-eiro, chama atenção o fato de que ele acontece significativamente, tendo em vista a natureza eminentemente dinâmica do sistema linguístico, conforme apresentado por Furtado da Cunha (2013), visto que surge da adaptação das habilidades cognitivas humanas a eventos de comunicação específicos e se desenvolve com base na repetição ou ritualização desses eventos.

Nesse sentido, como já propôs Botelho (2009), a construção x-eiro pode ser compreendida como uma construção morfossintática, pois reflete morfologicamente uma cena básica da experiência humana que, sintaticamente, equivaleria a “*alguém produzir algo*” ou a alguma relação que seja equivalente a essa como “*alguém que atua em algo*”. Enfim, o domínio semântico da ação tanto no sentido de fazer/produzir como no sentido de atuar/exercer parece ser o campo que mais favorece as construções x-eiro.

No *corpus* sob análise, foram encontradas 114 ocorrências (em um total de 12 inqueritos) do uso da construção x-eiro, das quais 60% do uso do -eiro é agentivo e traduzem significativamente cenas básicas, no aspecto humano, havendo uma frequência de ocorrências em que a construção x-eiro/a agentivo, humano indica profissão de maior e menor prestígio como em (3), (4) e em (5) a seguir:

(3) Uai eu saí da prefeitura quando fui viajá pro Rio de Janero aí eu ( ) no dia do acerto eu fui viajá aí eu trabaei sete ano na prefeitura... aí eu pedi conta e saí... e... foi bom saí de lá que hoje trabaiano de **pedrero** se eu tivesse lá até hoje tava trabaiano **de faxinero** e era **jardineiro** ( ) mexia com pranta lá tamém.

(*Corpus Fala Goiana*)

(4) fui pá trabaia de **carpeitêro** em Brasília... aí... fiquei em Goiâna treis dia, pu conta da firma... ni hotel lá pu conta da firma, tanto eu como um colega meu... nós tinha... era mema coisa de irmão... esse cole... então nós saimo daqui eis hum... que eis vêi buscá nós aqui em Goiás foi o Leonino Caiado...

(*Corpus Fala Goiana*)



(5) Aí... aí que dividiu... depois... que meu irmão pegô a escritura desses deis arquere... aí dividiu... c/esse tii meu... aí... depois que dividiu... que... que nós comprô... qu/es foi dividi... pois **engenheiro** lá e fizeram a divisa... aí feis uma divisa... que na escritura falava... num ponto... reto rumo no nascente... até tal ponto traveis... aí quando tava medindo aí o **engenheiro** falô não vai passá muito do que cê comprô... falô pro meu tii... vai tê que fazê uma queda aqui... vô fazê uma curva... ô então tem que vortá lá atrais e perdê o serviço que já feis... aí meu tii não quis perdê... que tava custoso dimais de roçá né...? Fazê a picada.

(Corpus Fala Goiana)

Nos dados (3), (4) e (5), constata-se o -eiro como indicativos de frequência prototípica na indicação de atividade – encontrados em maioria nos dados da FG. Assim, observa-se que a alta funcionalidade da construção x-eiro tem relação com o fazer, tanto em produzir quanto em atuar. Logo, em *pedreiro, faxineiro, jardineiro, carpinteiro e engenheiro* infere-se, a exemplo das construções de movimento causado, em que X causa Y a mover Z, uma construção, representada por x-eiro em que alguém produz/age sobre algo. Essas duas construções apresentam associações entre estrutura sintática e papéis semânticos. De forma aproximada, tem-se a construção x-eiro representado uma cena básica da experiência humana em que:

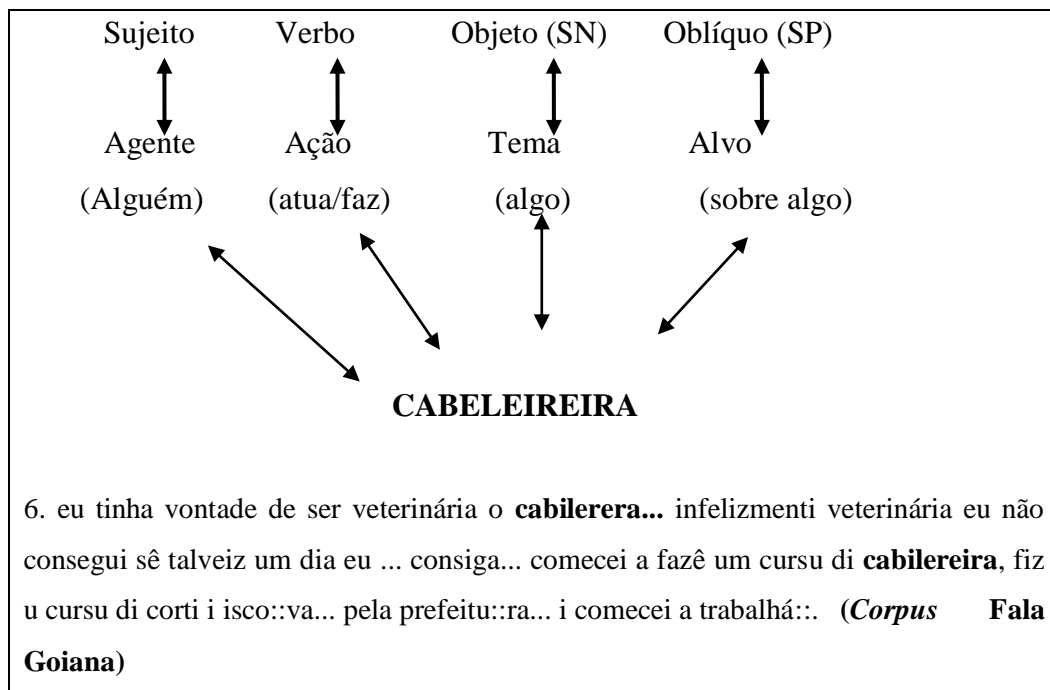


Figura 4 (Fonte: Ferrari, 2016, p. 25 - adaptada)

Pode-se inferir que em *pedreiro*, *faxineiro*, *jardineiro*, *carpinteiro* e *engenheiro* envolvem, em comum, traços semânticos de ATIVIDADE/AGENTIVIDADE/HUMANO. Embora, *pedreiro* e *carpinteiro*, nos contextos de uso apresentados, possuam um traço não absolutamente prototípico (*X faz Y*), mas no *continuum*, eles mantêm o traço de *atuar sobre*, de *agir sobre* – característica de cenas básicas humanas.

A exemplo do que foi exposto, tem-se: em *engenheiro* - *alguém atua sobre algo e produz algo*. No aspecto etimológico da palavra, em *engenheiro* tem-se, como acepção, construtor de engenhos (máquinas) militares; mais tarde o termo se expande para sujeito que cuidava das máquinas. Agora, esse traço se expande da mesma forma, *não se limitando a cuidar de máquinas*, mas sim, *alguém que trabalha projetando/programando a construção civil* (conforme apresentado nos dados do *Corpus Fala Goiana*). Dessa forma, nota-se que em *engenheiro*, houve uma mudança construcional, uma vez que a mudança acontece não na sua forma, mas sim, em sua função, significação. A construção não indica nesse caso a significação de ação/atuação concreta. Muito embora, mantenha-se nesse uso, o traço de produção, que, neste caso, migra do plano concreto (como em *padeiro*) para o plano mais abstrato – aquele que produz planos de construção, por exemplo. Uma ação de base concreta para uma ação de exercício intelectual, cognitivo. A saber que a abstração obedece rigorosamente uma lógica de coerência.

Assim também em *jardineiro*, embora, não se limite apenas em trabalhar em algo, mas sim, em cuidar de algo e produzir algo, enfim em atuar em algo. Essa composicionalidade passa a ser necessária para compreendermos a mudança do significado da palavra, mas também, considerarmos, conforme Goldberg (1995), que as estruturas linguísticas apresentam significados básicos relacionados à experiência humana, independente dos itens que a instanciam. Logo, pode-se considerar a construção *x-eiro* como uma das unidades básicas e centrais da língua, por isso, é exemplo de construção – correspondência de forma-significado.

Dessa forma, em (3), (4) e (5) conserva-se algum traço da forma, mas diferem-se no elo/ no sentido. Logo, *x-eiro* remete a um significado a partir do contexto de uso do usuário da língua, mais sua base anterior. Posto que em algumas situações, a sua base poderá apresentar-se opaca, conforme explica Maroneze *et alli*. (2015) devido ao fato da unidade lexical primitiva ter desaparecido da língua, seja no período do latim, ou mesmo, em outros estágios. Como exemplo, em (4) - *carpinteiro*.

Ferrari (2016, p. 25) propõe que os sentidos podem ser intuitivamente relacionados, em maior ou menor grau, conferindo maior especificidade a certos significados.

Essa ideia corrobora com Viaro (2011) – mesmo a partir de outra perspectiva teórica – ao afirmar que a mudança semântica do -eiro dependerá do significado do verbo implícito trabalhar.

Portanto, a noção de trabalhar, quando gera um produto final, envolve um local (que é enfatizado em *cozinheiro*), um material (como em *pedreiro*) e um produto (como em *tapeceiro*). Quando o trabalho não gera um produto final por meio de atuação direta, pode dar margem a outras interpretações, como: “vender” (de fato, *tapeceiro* pode ser quem produz tapetes ou quem vende tapetes), “consertar” (um *sapateiro* pode fabricar, vender ou consertar sapatos), “cuidar de” (um *vaqueiro* tem a função de pastorear os bovinos), “conduzir” (um *motoqueiro* é alguém que usa uma motocicleta em seu trabalho) etc. (VIARO, 2011).

Como se pode ver, a construção x-eiro é um padrão simbólico abstrato que se instancia no uso; é uma possibilidade generalizada, logo a sua produtividade ocorre em várias situações. Ele é compreendido como um esquema cognitivo, uma construção conceptualizada que ramifica-se em diversos usos. Com relação a isso, Goldberg (1995) esclarece que, por meio da frequência do uso, padrões de construções são constituídos na língua a partir do conhecimento do item específico e da generalização. A partir das noções de cenas básicas de Goldberg (1995), a construção x-eiro pode ter o seu valor significativo compreendido com uma cena humana que, em seu valor integral, deveria ser transcrita em uma estrutura oracional, faxineiro em (03) equivaleria a *aquele que realiza a faxina*.

Segundo Álvares (2005), em nossa cultura, há uma frequência no uso do agentivo -eiro/a como indicativo de ocupações menos favorecidas pelo prestígio sociocultural, ou mesmo, marginalizados. Embora a autora, afirme que esta não seja uma verdade absoluta.

Ainda, é importante considerar que se assume como agente um ser vivo, prototipicamente humano, pois possibilita a ideia de que é aquele que faz uma ação de maneira deliberada. Logo, a construção x-eiro agentiva constitui-se a partir dessa perspectiva, porque denota prototipicamente um ser com essas características.

(7)Inf. É... teve uma veis... te... tev... um amigo nosso lá... té... ele é primo do meu primo... então ele... numa época que tava chuveno muito... ele foi travessá... tava trabaiano numa fazenda... levano um gado... pra cê travessá o rii... aí eu acho que o arrei do ca... do cavalo... do animal saiu com ele... e:::... aí... a água... levou ele... o cavalo saiu do/tro lado sozim... aí ele morreu afogado... chamaram o corpo de **bobero**... achô uns... dois dias ô treis depo::is... já tinha morrido né? afoga::do... então... a gente... ficô:: ( ) achano ruim né?

No segmento em (7), o falante emprega a construção x-eiro como alguém que salva/atua (sobre) o outro. Como se pode ver, a agentividade está presente na relação metonímica em que o sentido se estabelece não com a palavra *bombeiro*, mas sim, com o todo em *corpo de bombeiro* – a semântica é construída no conjunto. Algum traço da forma se conserva, mas constitui-se uma outra questão (corporificação). Assim, a representação semântica se expande. Diferentemente das demais ocorrências em que a semântica é recuperada a partir da sua base lexical.

Goldberg (1995) considera que o sentido global é resultado da relação entre significado da construção e o significado dos itens lexicais que acompanham a construção. Isso significa que os elementos da língua jamais aparecem isolados, em nossa memória, ou seja, estão associados a outros elementos por algum traço linguístico em comum. Assim, a autora assume que a diferença de significado resulta em semânticas construcionais distintas. Ao mesmo tempo, Ferrari (2016) considera que as construções têm significado próprio, convencional e esquemático. A autora afirma ainda que as palavras contribuem para o significado das sentenças, contudo não são responsáveis por todo o significado.

Dessa forma, a multifuncionalidade da construção x-eiro se justifica a partir de Goldberg (2006) ao afirmar que as diferentes formas de superfície são tipicamente associadas com diferentes funções semânticas e/ou discursivas. Isso quer dizer que uma mesma construção tende a apresentar um sentido central, porém pode estar pareada com outros significados distintos, mas correlacionados. Isso seria possível, de acordo com Rosário (2015), por meio de extensões metafóricas e metonímicas.

A respeito disso, os modelos de gramática de construções baseados no uso, conforme discutem Furtado da Cunha e Lacerda (2016, p. 23), propõem dois tipos de elos que organizam as construções em uma rede: os relacionais e os de herança. Os primeiros referem-se aos elos semânticos entre o sentido prototípico de uma construção e suas extensões, apresentados nos segmentos:

(8) foi uma::**partera**... chamava Catarina... mulher de Seu Olarico... o resto eis mim ensinaram eu chamá eis de padrim né?  
(*Corpus Fala Goiana*)

(9) Óia o caso que agente tem que brigava muito né? que a gente era gueto ( ) num era custoso aí mexia com/sotro saí correno caboco depois marcava a gente pegava a gente lá fora jogava papel no/soto... é tem veis que a gente ia andá na rua na... andano assim na hora do recrei juntava três

quatro batê na gente... a gente saía correno... minha mãe era **merendera** eu corria pra dentro da merender... lá pra cantina dela ficava lá escondido aí eu saía o caboco pegava e batia nim mim ainda teve feis qu/eu fui até lá em casa correno e o caboco correno atrais de mim.

(*Corpus Fala Goiana*)

(10) Não sempre compra né? agora assim quando tem um... as pessoa que co... que mexe com construção... aí dá os... as maderá né? aí a gente pega... mais sempre compra de **carrocero**... tem os **carrocero** que vende né? que junta a lenha pra vendê... é difícil que... ficá berano aquele forno ali queimano... que Nossa Senhora cê sapeca todo pa mexê com a... aquele forno... que cê tem que tê o ponto certo né? nós coloca ela a vazia no forno de manhã... vai ela... até a noite... lá p/elas seis hora que começa pô fogo mesmo sabe? durante o dia é só quele foguim... só pra í aqueceno.

(*Corpus Fala Goiana*)

Nos segmentos (8), (9) e (10) correspondem aos elos de herança, visto que, as extensões herdaram as construções de modo que não há necessidade de determinar a realização sintática para cada extensão. A exemplo do que foi mencionado tem-se: *parteira*, alguém faz parto; *merendeira* é alguém que faz merenda, produz merenda; já em *carroceiro*, alguém atua/trabalha/ conduz algo na carroça.

Os elos de herança constituem-se em suas extensões herança das especificações sintáticas do sentido central, prototípico, como Furtado da Cunha e Lacerda (2016) consideram. A exemplo tem-se:

(11) **Inf.** Ai logo depois o oto saiu é pra fazê um corrida tamém sumiu desapareceu... ai quando encontrou... o **vaquero** da fazenda encontrou já tava já até passado da hora né...

**Doc.** Ah foi o **vaquero** da fazenda que encontrô ele?

**Inf.** É foi um **vaquero** lá que... encontrô ele lá.

(*Corpus Fala Goiana*)

(12) Bão que quando cê construiu é... sua casa... seu... seu marido é **pedreiro** né? Ele já...

**Inf.** É... é **pedrero**... já... ele nem precisô pagá né?

(*Corpus Fala Goiana*)

No construto vaqueiro (11) tem-se: alguém pastoreia o gado (gado é a forma generalizante de vaca); já em (12) não se pode dizer que a construção x-eiro significa necessariamente que alguém trabalha com pedras, ou vende pedras; mas sim, operário que

trabalha em obras. Entretanto, é importante considerar que a origem das obras de construção civil foi no trabalho com as pedras, os alicerces das construções mais antigas eram feitos à base de pedras.

Além disso, é importante dizer que em vaqueiro, a construção x-eiro pode ser vista como aspectos de pessoa, de espaço e de qualidade. Nessas duas ocorrências de uso, os elos de herança se correspondem ao sentido prototípico; logo as semânticas se apresentam diferentes, embora as características sintáticas, via emergência de uma representação de cena humana básica, sejam as mesmas.

Uma das mais fortes premissas das teorias de língua em uso é a não separação rígida entre léxico e sintaxe. A construção x-eiro é instanciada no nível lexical, porém o seu valor significativo pode ser associado a uma explicação que se organizaria via sintaxe.

### **4.3 A rede construcional de x-eiro**

Um dos importantes pressupostos da GC diz respeito à noção de hierarquia em que as construções se organizam. Elas partem de níveis mais gerais para os mais específicos. Traugott e Trousdale (2013) propõem uma organização hierárquica em esquemas, subesquemas e microconstruções. As relações estabelecidas entre esses níveis ocorrem por meio de elos possíveis tanto entre um nível superior com um inferior quanto entre elementos entre um mesmo nível. A melhor metáfora para explicar essas relações é uma rede: vários nós ligados por elos.

A construção x-eiro possui forma única que atende a diversos esquemas abstratos, por isso, as relações hierárquicas dessa construção se dão no nível semântico ou linguístico, e este entendido enquanto categoria linguística. A separação entre esses dois níveis é praticamente impossível porque toda categoria linguística assume um sentido semântico e o sentido só emerge via categoria. Logo a distinção aqui é feita apenas por finalidade metodológica visto que, por exemplo, na categoria semântica, o nível agente/humano pode emergir tanto no nome quanto no adjetivo, que são categorias linguísticas. O nível agentivo também se divide em profissões estigmatizadas e em outras não estigmatizadas. Os nomes podem indicar pessoas, objetos e lugares. Nesse sentido, a construção x-eiro se organiza quanto à rede no nível hierárquico a partir de valores semânticos e discursivos.

Primeiro descreve-se a rede a partir das categorias semânticas em alguma correlação com categorias linguísticas e, por fim, tenta-se sintetizar em uma representação da rede construcional de x-eiro por meio de uma figura.

### 4.3.1 Categorias semânticas

A respeito das categorias semânticas, Rosário e Oliveira (2016) consideram haver construções bastante esquemáticas e abstratas, além disso, consideram que a noção de abstratização tem a ver com a esquematicidade. Afirmam ainda, que construções mais abstratas são mais genéricas, ao contrário, as menos são mais específicas. Prova disso, tem-se a construção x-eiro como sendo um esquema muito abstrato que assume diversas categorias semânticas que se atualizam em categorias linguísticas. Considera-se que o traço agentivo da construção x-eiro é o traço dominante, visto que o que sustenta a língua é o cognitivo, o semântico a partir de trocas de percepções da realidade.

Para isso, considera-se semanticamente que a categoria pessoa com valor agentivo é a mais básica, genérica e, por isso, é origem das demais com as quais guarda fortes laços. Enquanto categorias linguísticas, a análise considera as categorias nome e adjetivo, sendo que cada um deles está a serviço de um dos diversos domínios semânticos.

A construção é uma ligação perfeita de forma e significado. A estrutura simbólica de Construção de Croft (2011) ressalta claramente a importância atribuída tanto ao contexto interno (propriedades sintáticas, morfológicas e fonológicas – forma) quanto ao contexto externo propriedades (semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais – sentido). Logo as duas dimensões (forma e significado) motivam os usos, mas também são motivados por eles. A construção x-eiro é uma possibilidade de valores esquemáticos que se distinguem pela parte do significado. Em *vaqueiro* (11) e *pedreiro* (12), a construção x-eiro, como uma possibilidade esquemática, observada a partir da perspectiva de análise na estrutura simbólica de construção de Croft (2011), instancia por meio de uma mesma forma, sentidos parcialmente diferentes. Compreende-se, então, que apesar do padrão ser o mesmo (x-eiro), bem como, as categorias de agentivo, humano, atividade serem as mesmas, diferem-se quanto ao tipo de atuação: o primeiro ocorre a atuação sem a produção; no segundo a atuação/ação resulta em uma produção. Entretanto, nas duas ocorrências (11 e 12) constata-se o domínio semântico a agentividade.

Assim, as construções são definidas conforme o nível de esquematicidade. Esquemas altamente abstratos são chamados de macroconstruções, enquanto grupos mais específicos, com comportamentos sintáticos e semânticos similares, pertencem ao nível das mesoconstruções. As construções individuais, por sua vez, são classificadas como microconstruções. Cada instanciação de uma microconstrução na língua é chamada de construto.

No nível da categoria semântica, conforme os dados já estão mostrando, a construção x-eiro/a tem se revelado mais produtiva nos valores referentes ao domínio da agentividade, que está no ponto mais alto das relações hierárquicas estabelecidas por x-eiro, ou seja, ele ocupa o lugar de uma macroconstrução. Existem também outros usos em número menor que indicam outras categorias. Em uma ordem de produtividade tem-se: i) agentividade/ atividade; ii) objeto; iii) espaço/locativo; iv) intensificação/qualificação. Naturalmente, como o valor de agentividade é o mais produtivo, ele assume também diferentes valores, isto é, o valor é subcategorizado, podendo ser explicado pelos contextos de uso.

Em uma visão construcional da língua, sabe-se que os valores não são construídos de maneira isolada, pelo contrário, eles são articulados e *linkados*, formando uma rede. Ou seja, para a GC, a língua se organiza em construções, e essas constituem os nós que são vinculadas uns aos outros por elos de ligação (TRAUGOTH E TROUSDALE, 2013). Nesse entendimento, o alto valor polissêmico da construção x-eiro somente pode ser melhor entendido e descrito a partir de uma amostragem da sua atuação em rede. Nesse sentido, é possível mostrar e comprovar como a construção é convencionalizada, fator que confere a sua altíssima produtividade na língua.

A construção x-eiro é considerada altamente produtiva no PB pela sua capacidade plástica de servir a diversos valores. Semanticamente, pode-se afirmar que o sufixo -eiro é, por excelência, o sufixo de atividade mais produtivo que se tem, como se observa em (13), (14) e (15) a seguir:

(13) I:: foi uma:: **partera**... chamava Catarina... mulher de Seu Olarico... o resto eis mim ensinaram eu chamá eis de padrim né? (*Corpus Fala Goiana*)

(14) fui pá trabaiá de **carpeitêro** em Brasília... aí... fiquei em Goiâna treis dia, pu conta da firma... ni hotel lá pu conta da firma, tanto eu como um colega meu... nós tinha... era mema coisa de irmão... esse cole... então nós saimo daqui eis hum... que eis vêibuscánóis aqui em Goiás foi o Leonino Caiado... (*Corpus Fala Goiana*)

(15) Aí... aí que dividiu... depois... que meu irmão pegô a escritura desses deis arquere... aí dividiu... c/esse tii meu... aí... depois que dividiu... que... que nós comprô... qu/es foi dividi... pois **engenhero** lá e fizeram a divisa... aí feis uma divisa... que na escritura falava... num ponto... reto rumo no nascente... (*Corpus Fala Goiana*)



Em (12), (13), (14) e (15) a construção faz emergir sentidos indicativos de atividade de movimento causado. Os dados atestam que a maior produtividade da construção é para usos que indicam profissões de desprestígio social. Essa hipótese necessita ser investigada de maneira mais profunda em momentos posteriores, mas por agora é possível adiantar que tal relação é motivada pelo trabalho de ação ser mais braçal e menos intelectual. Uma busca superficial sobre a história do trabalho na humanidade revela que existe um valor de prestígio social agregado às profissões cognitivas em detrimento às braçais. A forma fonte, então, possui o valor de atividade de ação e não de intelecto. Nesse raciocínio, o uso mais prototípico assume os traços [+humano], [+agentivo] presentes nas atividades com indicativo de pessoa.

Afirmou-se anteriormente que, a partir das relações hierarquizadas e organizadas em rede, as construções mantêm elos de correspondência simbólica, permitindo a construção de subesquemas. A construção x-eiro quando descrita a partir da perspectiva de Croft (2011), apresenta diferenças nos elos da parte do sentido, resultando em diferentes sentidos conectados pelo valor agentivo/humano. Por outro lado, é possível também pela mesma relação, constatar alterações semânticas que permitem um nome assumir a função de adjetivo ou quantidade/intensificador/qualificador, como em (16), (17), (18) e (19):

(16) Inf. Olha pa ti falá a verdade hoje quandu... agente fica sabendo nuticia dela porque ela tá no mundo ninguém qué porque ela é terrível... nossa ela é **fofoqueira** ela arruma um rolo danado... então melhó do jeito que ela tá hoje agente não tem relação mais... não tem contato muito difícil.

(*Corpus Fala Goiana*)

(17) não queria sabê di fazê as coisas mais... queriasó bebê só bebê... aí foi ino ninguém guenta né... quem agüenta um homi **cachaceiro** dentro de casa... aí eu pidi pra gente si separà e ele não quis..

(*Corpus Fala Goiana*)

(18) Aí nós... nós tinha de:::trabalhá... eu tinha que trabalhá... comprá os trem... meno... pra mim mesmo eu num comprava nada... comprava pra nós... que tinha de comprá carne... carne moída... que inda era carne moída... tal do BOi ralado... **verdadeiro** boi ralado

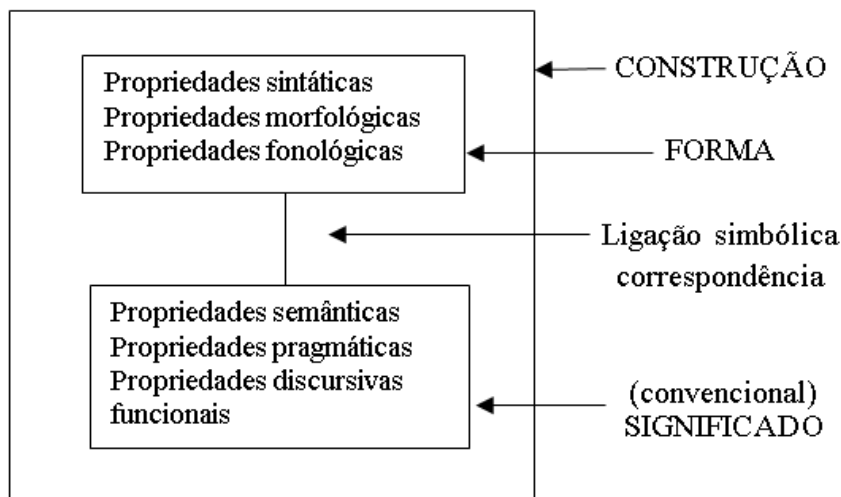
(*Corpus Fala Goiana*)

(19) Inf. Sim... nós gos... nós era muito **artero** né?...nóis subia em árvore... subia assim

(*Corpus Fala Goiana*)

Nota-se a partir dos contextos de uso, em que estão inseridos, a ocorrência de mudança parcial na propriedade discursivo-pragmática. Em (16) e (17) há notoriamente a presença de grau intensivo negativo, visto que, conforme Silva (2014), isso tem a ver com a intensificação aplicada a um determinado conteúdo para além de sua concepção normal, isto é, temos a manifestação de intensidade caracterizada pelo esforço escalar para mais. Ferrari (2016) considera como uma intensificação de qualidade/ pejorativa. Compreende-se, assim, que não se trata apenas de uma característica “comum” em *fofoqueira* e *cachaceiro*, conforme o enfoque discursivo dado, mas sim, vai além disso. Em *fofoqueira*, há um grau mais alto, do que dizer X faz Y, ou seja, alguém faz fofoca; com isso, considera-se também, o domínio semântico de quantidade. Considera-se a mesma análise também para *cachaceiro*

O sentido de intensificação seja negativa ou positiva, como (17) é construído internamente ao valor simbólico de uma construção. A proposta de Croft (2001) explica a construção como simbólica a partir da figura a seguir:



**Figura 5** - Modelo da estrutura simbólica na Gramática de Construções radial (Fonte: Croft, 2001)

Pela proposta de Croft (2001), observa-se que as propriedades formais estabelecidas em (16) e (17) são semelhantes, mas uma análise mais atenta dessas propriedades indica diferenças semânticas e gramaticais, visto que (16) pode assumir o valor de adjetivo. Por outro lado, a mesma forma *eiro* pode designar valores socialmente positivos como o do trabalho presente em *carpinteiro* e *verdadeiro* e outros não positivos como em *fofoqueira*, *trambiqueira*, *fuleira* etc. Logo, o sentido é o simbólico que se estabelece pela reunião de

fatores dos níveis da forma e do significado, contextualmente situados. Nessa direção é que, em consonância com Langacker (1987), entende-se que a língua é um inventário de unidades simbólicas ligados diretamente com a representação das experiências humanas.

A respeito da polissemia, na morfologia, Ferrari (2016) considera que os sentidos podem ser relacionados intuitivamente por compartilhar, em maior ou menor grau, algum tipo de aumento: de tamanho, de quantidade, de intensidade. A autora afirma, ainda que a noção de aumento agrega inferências positivas ou negativas ao sentido da base, conferindo maior especificidade a certos significados. No caso da construção *x-eiro*, o valor pejorativo agregado pode ser explicado em relação ao valor de desprestígio social, que por sua vez decorre da relação com trabalho braçal. Usos como *\*fofocadora* ou *\*cachador* não seriam produtivos, pois o prefixo *dor* não possui na parte do sentido a relação com os domínios *agentivo > trabalho braçal > desprestígio social > pejorativo intensificado*.

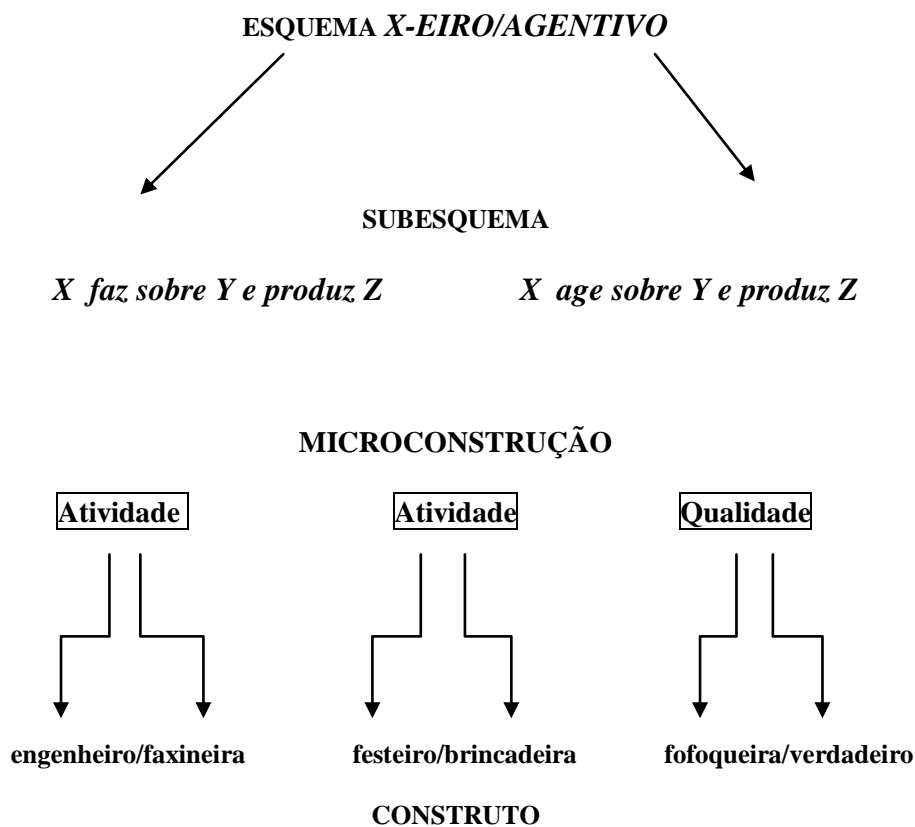
Goldberg (1995) apresenta que a construção é definida como um pareamento de forma-significado, ou seja, ela tem significado próprio, esquemático, parcialmente independente das palavras que a compõem. Ela serve como um esquema que reúne o que é comum a um conjunto de elementos da mesma natureza. Furtado da Cunha e Lacerda (2017) consideram que as construções apresentam diferenças no que diz respeito à sua natureza mais sintática ou mais semântica. As autoras afirmam que qualquer construção se constitui mais do que a soma de suas partes, tem um significado que não pode ser derivado composicionalmente das propriedades de seus constituintes.

Bybee (2016) considera adequada a representação de padrões gramaticais em construções, visto que os usuários da língua mapeiam ocorrências semelhantes umas às outras para estabelecer modelos que se agrupam para formar categorias que representam tanto as posições fixas quanto as esquemáticas nas construções. Além disso, a autora afirma que o significado de uma construção também é representado por um conjunto de modelos, em comum, que são construídos pelo acesso ao significado dos itens lexicais usados mais o significado total do contexto. Assim, Bybee (2016) acredita que as construções são usadas com novos itens lexicais e novas maneiras por meio da referência analógica com padrões específicos de experiências prévias.

Traugott e Trousdale (2013) assumem a centralidade da noção de rede construcional e defendem que a língua, tanto no que se refere à gramática quanto ao léxico, constitui-se como redes taxonômicas/esquemáticas de construções, hierarquicamente constituídas e organizadas. Assim, a noção de esquematicidade, segundo os autores, está intrinsecamente relacionada à noção de rede construcional, uma vez que as mudanças

linguísticas estariam interligadas e as construções da língua estariam relacionadas por meio da rede. Traugott e Trousdale (2013) explicam que as construções da língua podem variar quanto ao grau de esquematicidade.

A fim de ilustrar a propriedade da esquematicidade, a hierarquia apresenta-se em quatro níveis de análise: esquemas, subesquemas, microconstruções e construto. Acerca do domínio semântico da agentividade, a construção x-eiro, pode ser representada em uma rede hierárquica como a que se segue.



**Figura 6:** Propriedade da esquematicidade

O valor agentividade da construção x-eiro é muito produtivo no sentido de designar atividade. Consequentemente, é possível o valor de atividade ocorrer também em outros nomes, como em *brincadeira*. É necessário considerar que a construção x-eiro também é muito produtiva para a designação de objetos e de lugares, embora não se trata de quaisquer objetos, mas sim, aqueles que produzem algo como respectivamente, em (20) e em (21):

(20) que aí eu comecei a dá valô no meu dinheiro aí eu...comecei... comprei uma **geladeira** pra minha mãe aí com... aí depois eu comprei um lidificadô foi tudo com dinherim de...

(*Corpus Fala Goiana*)

(21) A festa da **pedreira** é de São Sebastião... é uma festa... uma missa que tem lá todo ano... primeiro domingo de setembro... ai eu e minha mãe era festera... ai até seu pai era festero junto comigo ai depois ele desistiu.

(*Corpus Fala Goiana*)

Em (20), a construção x-eiro aciona um uso indicativo de objeto, *geladeira*. Esse uso se refere a outro nível semântico de descrição e alguns referem-se a nomes de objetos que existem na língua há mais tempo – como também *cantoneira* – e outros revelam inovações que ocorrem pelo acionamento da construção, como por exemplo, *fritadeira* (para se referir a equipamento elétrico de criação recente), assim como *iogurteira*. O uso, o token, aciona a construção na medida em que x representa a base lexical (iogurte) e o sufixo indica o valor categorial (nome de objeto). Além disso, é necessário considerar que os exemplos aqui mencionados não perderam o traço agentivo, tendo em vista a presença do aspecto humano presentes em cada um deles.

A noção de rede, conforme proposto pela Gramática de Construções, explica o fato de que os traços semânticos da maioria desses objetos indicam algo relativo à produção, à atividade, à agentividade, que são valores que estão não base do valor que, hipoteticamente, estamos entendendo como o mais básico, isto é, a forma fonte. Logo, os nomes de objetos construídos com o sufixo *eiro* são objetos que se relacionam diretamente com a atividade de produção, fruto de uma agentividade, como *massadeira*, *empacotadeira*, *britadeira* etc. Pressupostos como a analogia podem ser acionados para explicar o fenômeno, mas também é relevante o conhecimento de que elementos mais básicos, mais prototípicos, são mais sensíveis às mudanças e, por isso, são acionados por diversas categorias na língua.

Em (21), o acionamento da construção x-eiro em *pedreira* também é indicativo de agentividade por considerar de que se trata de *alguém que produz ou age*. Além disso, indica o nome de lugar, e como domínio semântico tem-se como valor espaço. A exemplo disso, a construção x-eiro presente em *ladeira*, *canteiro*, *trilheiro* segue a mesma orientação de análise, visto que o traço agentivo permanece em todos: em *trilheiro* –alguém que atua ou age em abrir/fazer trilhas; em *canteiro*- alguém produz/age em cantos; em *ladeira* – alguém atua/faz.

A construção [x-eiro/a] tem se mostrado produtiva especialmente para a formação derivacional de duas categorias linguísticas: substantivo e adjetivo. Camacho, Dall’Aglio e

Gonçalves (2014) afirmam que “substantivos e adjetivos são frequentemente tratados como uma só classe.” Isso decorre da função de nomear inerente das duas categorias. Em (22), a seguir, a construção x-eiro emerge em um substantivo, porém em (16) fofqueira, como se explicou, não apenas nomeia, mas também qualifica.

(22) aí a gente pega... mais sempre compra de carrozero... tem os carrozero que vende né? que junta a lenha pra vendê... é difícil que... ficáberano aquele forno ali queimano... que Nossa Senhora cê sapeca todo PA mexê com a... aquele forno...

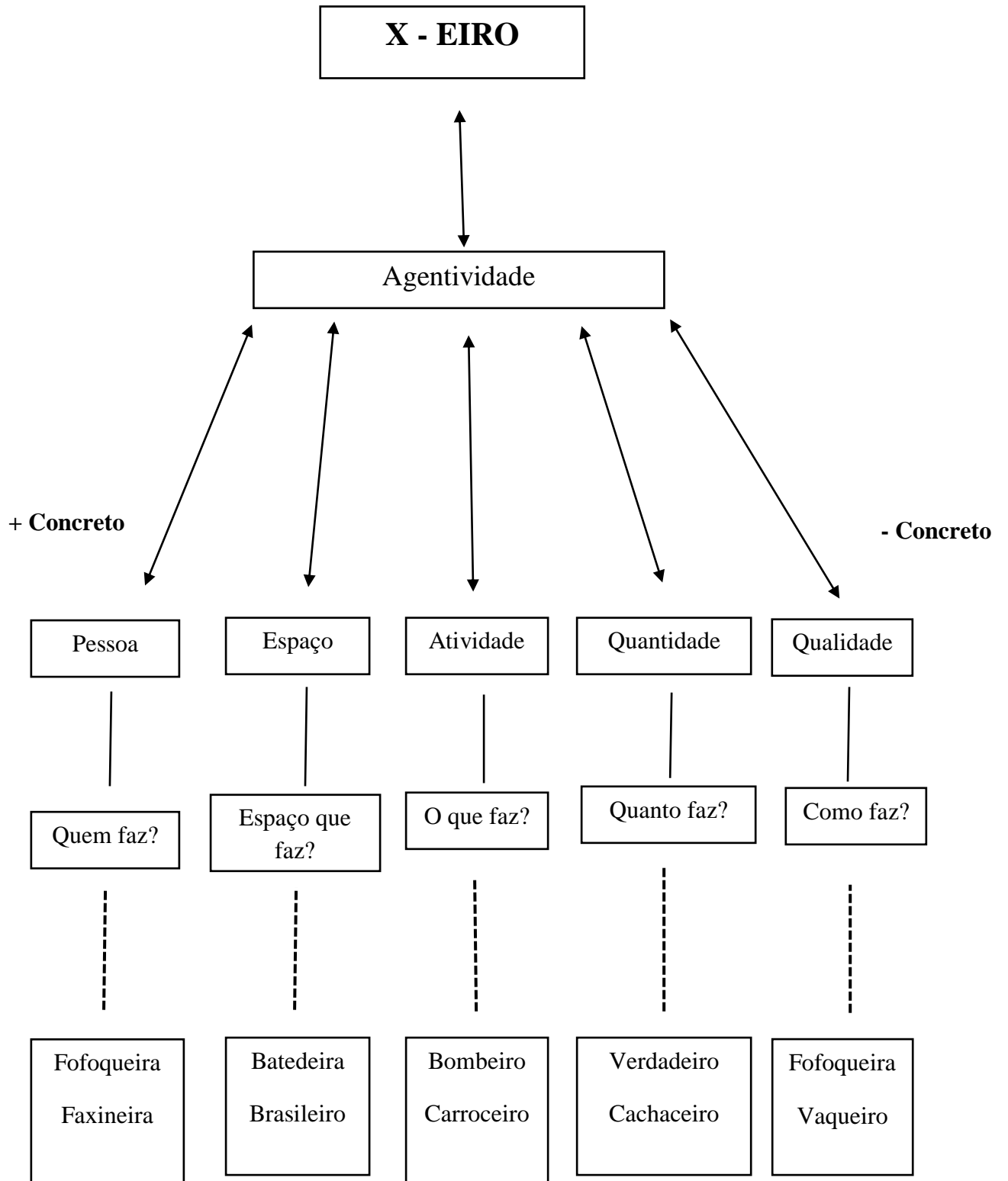
(Corpus Fala Goiana)

Embora distintas as categorias linguísticas, semanticamente essas construções evidenciam a função agentiva, uma vez que descrevem ações realizadas por humanos.

Langacker (2008) se refere ao esquema como um modelo aprendido e disponível para lidar com novas expressões do mesmo padrão. Muito embora -eiro seja uma parte fixa, o seu sentido é variável, uma vez que é construído a partir da junção da parte lexical em distintos contextos de uso e, nesse caso, o sufixo não atende apenas a um mesmo padrão. A funcionalidade do sufixo, não obstante a sua flutuação por distintos padrões reside no fato de que cooperam para a construção do sentido elementos dos níveis morfossintáticos e pragmático-discursivos. Assim, fica claro que a fixidez é semântica e a mobilidade é discursivo-pragmática. Como é a proposta da GC, a construção é simbólica e esquemática e o seu sentido é construído internamente.

#### **4.4 Uma proposta da rede construcional do eiro no PB**

A seguir, foi realizada a produção de uma rede construcional do eiro como forma de exemplificar como a língua é vista a partir de uma rede formada por categorias que estão ligadas umas às outras pelo aspecto conceitual. É notório lembrar que essas ligações não são fixas, podendo sofrer alterações durante o uso da língua.



**Figura 7:** Rede Construcional do x-eiro

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Propusemos nesta pesquisa fazer uma descrição dos usos e das funções *do x-eiro/eira em dados de língua falada*, coletados no corpus Fala Goiana dados constituídos por amostras de fala de comunidades goianas representativas das variantes do português em Goiás. Para isso, baseamo-nos nos postulados teóricos do funcionalismo e no modelo teórico da gramática de construções, já que a nossa hipótese era de que a alta funcionalidade dessa construção tem direta relação com a essência de descrever uma cena humana básica: *a do fazer, tanto no sentido de produzir, como de atuar*. Isso se comprova inclusive quando se trata de objetos.

Este estudo analisa a construção “x-eiro” na perspectiva da LFCU e na Gramática de Construções, que reconhece a língua como um sistema interligado por redes construcionais, ou seja, o conhecimento linguístico dos falantes consiste em uma rede de construções. Assim, a língua, tanto no que se refere à gramática quanto ao léxico, constitui-se como redes taxonômicas/esquemáticas de construções, hierarquicamente constituídas e organizadas. Dessa forma, a gramática, nessa perspectiva, é compreendida como representação cognitiva da experiência humana com a língua, podendo ser afetada pelo uso em situações cotidianas de interação comunicativa.

Levantamos os dados, fizemos uma investigação sincrônica de língua falada que conseqüentemente possibilitou-nos identificar, a partir do critério semântico, diferentes usos, a começar de um domínio cognitivo mais concreto para um domínio cognitivo mais abstrato:

- I. **x-eiro**: pessoa;
- II. **x-eiro**: objeto;
- III. **x-eiro**: lugar;
- IV. **x-eiro**: instrumento;
- V. **x-eiro**: planta;
- VI. **x-eiro**: intensificador;
- VII. **x-eiro**: qualificador;
- VIII. **x-eiro**: estado.

De acordo com a análise que acabamos de realizar, examinamos atentamente 114 ocorrências do -eiro. Então, identificamos sete polaridades da construção x-eiro/a, quanto aos



valores que o termo apresenta: de um lado, respondendo por um maior número de ocorrências, encontra-se o *agentivo/humano/ atividade*; de outro, responsável por menor número de ocorrências, o *agentivo/humano/pessoa*; depois, *agentivo/ humano/espaco*; *agentivo/humano/tempo*; *agentivo/humano/quantidade*; *agentivo/humano/atividade*; por último, *agentivo/humano/atividade*.

Encontramos também usos em que a presença do *agentivo/qualificador* agregou-se ao grau de intensificação, demonstrando um esforço escalar para mais, com traço de quantidade mas com sentido estigmatizado. Com isso, analisamos que quanto à correspondência da forma, há traços em comuns, embora apresentem, notoriamente, mudança parcial no sentido, a partir dos contextos de uso de fala.

Diante disso, a pesquisa teve como objetivo geral mostrar a funcionalidade e a alta produtividade da construção *x-eiro/eira*, na língua e nesse sentido, a Gramática de Construção foi o aparato adequado. Assim, constata-se que o objetivo geral, assim como, os objetivos específicos foram atendidos, porque efetivamente, o trabalho conseguiu demonstrar a multifuncionalidade da construção *x-eiro/a* a partir de dois parâmetros de análise: os níveis de análise previstos no modelo de Croft (CROFT, 2001) e os fatores hierárquicos de esquematicidade, composicionalidade e produtividade (TRAUGOTT; TROUSDALE ,2013).

Ao analisar a funcionalidade discursiva do *-eiro* chegou-se à conclusão de que se trata de um esquema cognitivo, visto que é uma construção conceptualizada na mente do falante; é um padrão simbólico, abstrato que se instancia no uso, sendo efetivamente produtivo. O *-eiro* é uma possibilidade generalizada, que se aplica em várias situações de contexto de uso. É um padrão semântico de construção de nomes e adjetivos. Ainda, nas ocorrências, chama atenção o fato de que ele acontece significativamente, tendo em vista a natureza eminentemente dinâmica do sistema linguístico, que surge da adaptação das habilidades cognitivas humanas a eventos de comunicação específicos.

A hipótese que orienta esta pesquisa diz respeito a alta funcionalidade da construção *x-eiro* ter direta relação com a necessidade de descrever uma experiência humana básica: a do fazer, tanto no sentido de produzir, como de atuar. Durante o trabalho de pesquisa, verificou-se que a partir da construção de movimento causado, proposto por Goldberg, para explicar uma cena básica da experiência humana, constatou-se que o *-eiro* também é capaz de apresentá-la. Ele revela que: *um ser humano agente produtivo age sobre um objeto e produz. Assim, têm-se um X que age sobre Y e produz Z*. Dessa forma, a construção *x-eiro*, prototipicamente humano agentivo, equivale a toda uma oração.

Considera-se também, após a conclusão deste trabalho que é possível que uma mesma construção apresente um sentido central/prototípico, podendo sofrer alteração apenas no aspecto pragmático-discursivo, embora estejam correlacionados.

Um dos questionamentos da pesquisa diz respeito se a construção x-eiro instancia algum tipo de mudança. A análise sincrônica revelou-nos a não ocorrência de mudança na forma, embora acompanhada em algumas ocorrências de alterações na composição do significado, ocorrendo uma mudança parcial no elo de correspondência do sentido no nível pragmático-discursivo. Assim, nível pragmático-discursivo está relacionado com os usos da construção x-eiro no momento que os usuários da língua mapeiam ocorrências semelhantes umas às outras para estabelecer comunicação, com base no contexto linguístico e na situação extralinguística.

Cabem, no entanto, incursões investigativas sobre a construção x-eiro em uma análise diacrônica, para que possamos verificar em que estágio está o seu processo de gramaticalização e construcionalização. Dessa forma, possivelmente revelariam outros aspectos sobre a atuação do -eiro na constituição do português brasileiro.

## REFERÊNCIAS

- ALI, Said. **Gramática histórica da língua portuguesa**. 7. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1965.
- ALVARES, Cláudia Assad. **Nomes de Profissões: uma oposição sufixal**. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2005.
- BAGNO, Marcos; CASSEB-GALVÃO, Vânia; REZENDE, Tânia Ferreira. **Dinâmicas funcionais da mudança linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.
- BARROS, Déborah Magalhães de. **Um estudo pancrônico da voz reflexiva em perspectiva construcional**. 2016. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia, 2016.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**. 37 ed. rev. ampl. e atual. Conforme o novo Acordo Ortográfico. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BISPO, Edvaldo Balduino; SILVA, José Romerito. Análise linguística em perspectiva funcional: o caso de modificadores nominais. *In*: OLIVEIRA, Mariângela Rios; CEZÁRIO, Maria Maura (Org.). **Funcionalismo linguístico: diálogos e vertentes**. Niterói – Rio de Janeiro: EDUFF, 2017. p. 91-111.
- BOTELHO, Laura Silveira. Uma abordagem sociocognitiva das construções agentivas x-eiro: jardineiro, micreiro, torradeira, laranjeira, nevoeiro, bobeira. *In*: MIRANDA, Neusa Salim; SALOMÃO, Maria Margarida Martins (Org.). **Construções do Português do Brasil: da gramática ao discurso**. Belo Horizonte – Minas Gerais: Editora UFMG, 2009. p. 178-201.
- BYBEE, Joan. **Language, usage and cognition**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- \_\_\_\_\_. **Language chance**. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.
- \_\_\_\_\_. **Língua, uso e cognição**. Tradução de Maria Angélica Furtado da Cunha. Revisão técnica Sebastião Carlos Leite Gonçalves. São Paulo: Cortez, 2016.
- CASTILHO, Ataliba Teixeira. *In*: SOUZA, Edson Rosa *et al.* (Org.). **Funcionalismo Linguístico: novas tendências teóricas**. São Paulo: Contexto, 2012.
- CROFT, William. **Radical construction grammar**. Syntactic Theory in Typological Perspective. New York: Oxford University Press, USA, 2001.

DIK, Simon C. **The theory of functional grammar**. Part. 1: The structure of the clause. 2. ed. Revisada. Berlim; New York: Mouton de Gruyter, 1997.

FERRARI, Lilian. **Introdução à linguística Cognitiva**. São Paulo: Contexto, 2016.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; TAVARES, Maria Alice. Linguística funcional e ensino de gramática. In: \_\_\_\_\_ (Org.). **Funcionalismo e ensino de gramática**. Natal: Edufrn, 2007. p. 13-52.

\_\_\_\_\_; BISPO, Edvaldo Balduino; SILVA, José Romerito. Linguística Funcional Centrada no Uso: conceitos básicos e categorias analíticas. In: CEZARIO, Maria Maura; FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica (Org.). **Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta**. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2013. p. 13-39.

\_\_\_\_\_; RIOS DE OLIVEIRA, Mariangela; MARTELOTTA, Mário Eduardo (Org.). **Linguística funcional: teoria e prática**. Rio de Janeiro: Parábola, 2015.

\_\_\_\_\_. Funcionalismo. In: MARTELOTTA *et al.* (Org.). **Manual de linguística**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2016. p. 157-176.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; COSTA, Marcos Antônio; CEZARIO, Maria Maura. Pressupostos teóricos fundamentais. In: \_\_\_\_\_; OLIVEIRA, Mariangela Rios de; MARTELOTTA, Mário Eduardo. (Org.). **Linguística Funcional: teoria e prática**. Rio de Janeiro: Parábola, 2015. p.21-47.

\_\_\_\_\_; LACERDA, Patrícia Fabiane A. da Cunha. Gramática de Construções: princípios básicos e contribuições. In: OLIVEIRA, Mariangela Rios; CEZARIO, Maria Maura (Org.). **Funcionalismo Linguístico: diálogos e vertentes**. Niterói: Editora da UFF, 2017. p. 17- 46.

GIVÓN, Talmy. **Syntax: an introduction**. v. 1. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2001.

GOLDBERG, Adele E. **Constructions: A construction grammar approach to argument structure**. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

\_\_\_\_\_. **Constructions at work: The nature of generalization in language**. New York: Oxford University Press, 2006.

GONÇALVES, Carlos Alexandre. **Iniciação aos estudos morfológicos: flexão e derivação em português**. São Paulo: Contexto, 2011.

\_\_\_\_\_. **Morfologia construcional: uma introdução**. São Paulo: Contexto, 2016.

HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood; MATTHIESSEN, Christian. **An introduction to functional grammar**. 3. ed. London: Hodder Arnold, 2004.

LANGACKER, Ronald W. **Foundations of cognitive grammar**. New York: University Press, 1987.

\_\_\_\_\_. **Cognitive grammar: a basic introduction**. New York: Oxford University Press, 2008.

\_\_\_\_\_. **Essentials of cognitive grammar**. New York: Oxford University Press, 2013.

MACHADO, Patrícia Miranda. **Gramática das construções e morfologia: um estudo sobre a rede de construções superlativas sufixais de desencontro do Português**. 2015. Tese (Doutorado em Linguística) - Faculdade de Letras. Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, 2015.

MARONEZE, Bruno; CARDOSO, Bruno; PISSOLATO, Luciana. Derivação sufixal. *In*: RODRIGUES, Angela; ALVES, Iêda Maria (Org.). **A construção morfológica da palavra**. São Paulo: Contexto, 2015. p. 57-109. (Gramática do português culto falado no Brasil, v. 6).

MARTELOTTA, Mário Eduardo. **Mudança Linguística: uma abordagem baseada no uso**. São Paulo: Cortez, 2011.

\_\_\_\_\_; KENEDY, Eduardo. A visão funcionalista da linguagem no século XX. *In*: FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; RIOS DE OLIVEIRA, Mariângela; MARTELOTTA, Mário Eduardo (Org.). **Linguística Funcional: teoria e prática**. Rio de Janeiro: Parábola Editorial, 2015.p. 11-20.

\_\_\_\_\_. Conceitos de Gramática. *In*: MARTELOTTA *et al.* (Org.). **Manual de linguística**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2016.

NARO, Anthony Julius; VOTRE, Sebastião Josué. Mecanismos funcionais do uso da língua. *In*: VOTRE, Sebastião Josué (Org.). **A construção da gramática**. Niterói: Editora da UFF, 2012. p. 17-28.

\_\_\_\_\_. Mecanismos funcionais do uso da língua: função e forma. *In*: VOTRE, Sebastião Josué (Org.). **A construção da gramática**. Niterói: Editora da UFF, 2012. p. 43-48.

NEVES, Maria Helena de Moura. Defino minha obra gramatical como... *In*: NEVES, Maria Helena de Moura; CASSEB-GALVÃO, Vânia Cristina (Org.). **Gramáticas contemporâneas do Português – com a palavra, os autores**. Parábola, 2014, p.68-79.

\_\_\_\_\_. **A gramática funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

\_\_\_\_\_. **A gramática de usos é uma gramática funcional.** São Paulo, Alfa, 41(n.esp.), p.15-24, 1997.

\_\_\_\_\_. **Texto e Gramática.** São Paulo: Contexto, 2016.

OLIVEIRA, Mariângela Rios; VOTRE, Sebastião Josué. A trajetória das concepções de discurso e gramática na perspectiva funcionalista. *In:* VOTRE, Sebastião Josué (Org.). **A construção da gramática.** Niterói: Editora da UFF, 2012. p. 157- 174.

ROCHA, Luiz C. de Assis. **Estruturas morfológicas do português.** 2ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2008.

RODRIGUES, Angela; ALVES, Iêda Maria (Org.). **A construção morfológica da palavra.** São Paulo: Contexto, 2015. (Gramática do português culto falado no Brasil, v. 6).

ROSÁRIO, Ivo da Costa do; OLIVEIRA, Mariângela Rios de. **Funcionalismo e abordagem construcional da gramática.** Alfa, São Paulo, 2016. p.233-259. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/alfa/v60n2/1981-5794-alfa-60-2-0233.pdf>. Acesso em: 25 de julho de 2018.

\_\_\_\_\_. Gramática, gramaticalização, construções e integração oracional: algumas reflexões. *In:* OLIVEIRA, Mariângela Rios de; ROSÁRIO, Ivo da Costa do (Org.). **Linguística centrada no uso: teoria e método.** Rio de Janeiro: Lamparina x FAPERJ, 2015. p. 36-50.

ROUSSEAU. Jean Jacques. Ensaio sobre a origem das línguas. Trad. Lourdes Santos Machado. *In:* **Os Pensadores.** 2. ed. São Paulo. Abril Cultural, 1978.

SILVA, Leosmar Aparecido da. **Os usos do até na língua falada na cidade de Goiás: funcionalidade e gramaticalização.** Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Faculdade de Letras. Universidade Federal de Goiás (UFG). Goiânia, 2005.

SILVA, Michele Denise da. **Um estudo de “Um belo dia” na perspectiva da gramática de construções.** 2017. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Faculdade de Letras. Universidade Federal de Goiás (UFG). Goiânia, 2017.

TOMASELLO, Michael. **Constructing a language: a usage-based theory of language acquisition.** Cambridge/London: Harvard University Press, 2003.

\_\_\_\_\_. A aquisição da língua para além das formalidades. Trad. Marcos Bagno. *In:* BAGNO, Marcos; CASSEB-GALVÃO, Vânia; REZENDE, Tânia Ferreira. **Dinâmicas funcionais da mudança linguística.** São Paulo: Parábola Editorial, 2017. p. 191-206.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs. **(Inter)subjectivity and (inter)subjectification: a reassessment.** Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/284288857>. Acesso em: 25/08/2018.

TRAUGOTT, E.C; TROUSDALE, G. **Constructionalization and Constructional Changes.** Oxford: Oxford University Press, 2013.

VIARO, Mário Eduardo. **Problemas de morfologia e semântica histórica do sufixo –eiro.** Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas – Universidade de São Paulo, 2011. Disponível em: <http://www.usp.br/gmhp/publ/Via30.pdf>. Acesso em: julho de 2018.

\_\_\_\_\_. Estudo diacrônico da formação e da mudança semântica dos sufixos eiro/eira na língua portuguesa. In: MASSINI-CAGLIARI, Gladis *et.al.* (Org.) **Trilhas de Mattoso Câmara e outras trilhas: fonologia, morfologia e sintaxe.** São Paulo: Cultura Acadêmica, 2007. Série Trilhas Linguísticas n.12, p.45-84. Disponível em: <<http://www.usp.br/gmhp/publ/Via33.pdf>>. Acesso em: 21 de nov. 2017.

\_\_\_\_\_. **A formação do significado do agentivo–eiro.** Em XVI Congresso Internacional de la Alfal, Alcalá de Henares. Actas dell XVI Congresso Internacional de la Asociación de Lingüística y Filología. (2671 – 2679). Alcalá de Henares: Universidad de Alcalá. 2011.

VOTRE, Josué Sebastião (Org.). **A construção da gramática.** Niterói: Editora da UFF, 2012.